

# SANTO ATANÁSIO



VIDA DE SANTO ANTÃO

**FONTE DO TEXTO**

*academia.edu*

**Imagem da Capa**

*Diocese de Blumenau*

Texto extraído do Vol. 18, «SANTO ATANÁSIO», da coleção "Patrística",  
editada por "PAULOS"

# **SOBRE A VIDA E CONDUTA DE SANTO ANTÃO**

## **INTRODUÇÃO**

Depois do Vaticano II e do decreto *Perfectae caritatis*, que remete às “intenções dos fundadores”, os capítulos de atualização das diversas famílias monásticas deram novo aspecto de atualidade às origens do monaquismo e aos documentos que são suas testemunhas.

Como imaginar essa vaga sísmica e sua respectiva novidade? Que significados, que analogias, que modelos podem ser encontrados aí, para o nosso tempo? Em que esse fenômeno se destaca com relação ao passado, com relação à sociedade ambiente e como se liga ao evangelho? O que vemos aparecer na origem: uma instituição, uma doutrina; um gênero de vida, observâncias? Se olharmos de perto, é o nascimento de uma verdadeira literatura de espiritualidade o único indício (determinante para o historiador) do surgimento do monaquismo.

Já em 1944, em sua bela coleção sobre a virgindade cristã, o Pé. Camelot sublinhava a importância dessa evolução: “O monaquismo é o primeiro a dar origem a obras ‘espirituais’, bem como a uma doutrina sistemática construída por si própria. É nos tratados sobre a virgindade, primeiramente, que devemos buscá-las” (Th. Camelot, op, *Virgines Christi*, Paris, 1944, p. 48). As implicações desse fato não podem ser subestimadas, porque essa literatura de espiritualidade, em sua novidade, com o caráter prático, concreto, totalizante, radical que a caracteriza, deverá ser considerada precisamente como a expressão da intenção monástica original.

O fenômeno monástico é o desdobramento sistemático, em um modo de vida, da espiritualidade da virgindade. E é muito significativo que, na história da Igreja, as duas primeiras obras “espirituais”, como entende acima o Pé. Camelot, se refiram à experiência da mesma personagem: Antão, o pai dos monges — na forma de uma vida, esta Vida de Antão, cuja tradução reeditamos aqui, e de uma coleção de Cartas. Ambas foram escritas logo, sob a pressão imediata dos acontecimentos e já trazem todos os traços de uma espiritualidade completa e coerente, com a consciência

(proclamada nas Cartas como querigma) segura de que esse fenômeno original, essa Vida, como existência e como obra literária, é ato de Deus que nos provoca à decisão. Procurar receitas nela seria tão inútil quanto querer fazer separação entre doutrina e maneira de viver.

#### **A presente tradução**

Não é necessário dar verdadeira introdução a uma tradução conhecida e apreciada da Vida de Antão, quando tal tradução muda de pele pela terceira vez e quando já foram editados ou reeditados, no mesmo decênio e na mesma coleção, dois comentários complementares desse manifesto do monaquismo primitivo.<sup>[1]</sup> Seja-nos suficiente expressar nosso reconhecimento ao Pé. Lavaud, por nos ter autorizado com a maior generosidade a sua reprodução.

#### **Estudos recentes**

Podemos, pois, supor que o leitor já esteja bem provido de guia. Se alguém desejar empreender estudo mais aprofundado sobre Antão, sua doutrina e sua Vida, o volume dos *Studia Anselmiana*, publicado por ocasião do 16º centenário de sua morte,<sup>[2]</sup> e, muito particularmente, a análise dos Estudos históricos antonianos de 1929 a 1956, de autoria do Pé. L. von Hertling,<sup>[3]</sup> fornecerão base bibliográfica razoável, a qual é ainda hoje o melhor ponto de partida. Mas se passaram vinte e dois anos, e se impõe uma atualização dessa revisão dos estudos antonianos. É o que tentaremos fazer em poucas palavras. Inicialmente devemos reconhecer que esse período de vinte e dois anos, comparado com o precedente, do ponto de vista da contribuição para o conhecimento de Antão, é claramente menos decisivo. Depois de uma época que viu a elaboração de três grandes teses histórico-teológicas clássicas,<sup>[4]</sup> que editou pela primeira vez essa inestimável testemunha textual que é a Vida latina do Capítulo de São Pedro,<sup>[5]</sup> que reabilitou as Cartas de Antão<sup>[6]</sup> e publicou texto mais inteligível delas,<sup>[7]</sup> o que restava era explorar esses tesouros.

É significativo a esse respeito o opúsculo da Ir. Noëlle Devilliers, editado também pela Bellefontaine.<sup>[8]</sup> Das interpretações teológicas e psicológicas da Vida, apresentadas pelo Pé. Bouyer e que contribuíram para a atualização da teologia do monaquismo, ela aproveitou o que era

imediatamente utilizável para o leitor de boa vontade, num primeiro contato, saboroso e espiritual, com Antão. A isso ela acrescentou, em conformidade com a investigação do Pr. Doerries, o esclarecimento precioso dos apotegmas da série alfabética atribuídos a Antão. Vemos aqui bom exemplo da preocupação de pôr inteligentemente a serviço da lectio divina a contribuição dos historiadores e dos teólogos.

#### **As versões latinas**

Infelizmente há obstáculo sério para melhor leitura da Vida de Antão, e está na origem. O texto grego de santo Atanásio ainda não recebeu e, sem dúvida, não receberá em prazos previsíveis a edição crítica que merece. Não se pode dizer, entretanto, que, no período que nos interessa, os pesquisadores tenham permanecido inativos. Os especialistas em latim cristão da Escola de Nimega, com efeito, se dedicaram às duas versões latinas, com resultados notáveis e já proveitosos ao leitor que não se complica com ciência. Essas duas versões, particularmente a mais antiga, interessam diretamente a todos enquanto testemunhas do texto, à medida que são fiéis, mas dizem respeito a nós diretamente e de modo impressionante como testemunhas do meio cristão, e do meio monástico que recebeu o texto e reagiu a ele à medida que elas o ultrapassam.<sup>[9]</sup> Na versão mais difundida, a do amigo de são Jerônimo, Evágrio de Antioquia, B. R. Voss<sup>[10]</sup> nos mostra o esforço para elevar essa obra-prima da literatura popular ao nível da grande literatura, enquanto G. J. M. Bartelin<sup>[11]</sup> encontra nela releituras e ampliações características da teologia de Antioquia. Temos, porém, testemunho mais eloquente ainda. Em 1939, quando o saudoso Pr. Garitte editou *La version inédite des Archives du Chapitre de Saint Pier de Rome*<sup>[12]</sup> o que mais chamou a atenção foi seu literalismo extremo: “O literalismo servil da primeira versão, ao lado de sua grande antiguidade, nos garante testemunho do maior valor para a crítica textual da Vida grega, porque esse testemunho nos dá a reprodução minuciosamente fiel de um texto grego do próprio séc. IV”.<sup>[13]</sup> Por sua vez, Chr. Mohrmann, em 1956, reagia contra essa primeira impressão.<sup>[14]</sup> E pouco depois, dom H. Hoppenbrouwers, em sua introdução a uma nova edição crítica<sup>[15]</sup> estabelecia que esse literalismo não é tão servil ao ponto de a personalidade e as pretensões literárias de seu autor não se manifestarem nele com a ingenuidade de primeiro esboço escrito sob

ditado. O mesmo estudioso beneditino assinalou minuciosamente o que esse autor deixa escapar de si próprio em sua tradução, e recentemente reconheceu nele um íntimo de Antão, que dita em latim a Vida de Antão na montanha de Antão, a peregrinos que atravessaram o mar para encontrarem o rastro de Antão.<sup>[16]</sup> Sob certos aspectos, esse latim teria valor em si mesmo, ele nos situaria mais perto de Antão que o original! Compreende-se melhor assim que, na ausência de bom texto grego, Christine Mohrmann e G. J. M. Bartelink, premidos a oferecer uma Vida de Antão à coleção *Scrittori greci e latini*, tenham optado pela reedição desse texto latino com tradução italiana e com notas que constituem verdadeiro comentário<sup>[17]</sup> Como esse livro é o primeiro de uma série de “vidas dos santos do séc. III ao séc. VI”, Chr. Mohrmann antepôs a ele duas introduções, que têm o mérito de situar a Vida de Antão depois dos Atos e paixões dos mártires e da Vida de Cipriano, e no quadro de uma apresentação geral do monaquismo antigo. Em reação explícita contra a escola comparatista, cuja influência, no começo do século, marcou profundamente as primeiras pesquisas científicas sobre a Vida de Antão, os empréstimos da cultura profana são minimizados ou negados. O continente e o conteúdo, o gênero literário, a doutrina e o vocabulário, a demonologia e a ascese, tudo deve ser restituído a seu contexto cristão, no qual se banham a experiência de Antão e a tradição oral do monaquismo, fielmente recolhida por santo Atanásio. Essa posição, talvez um pouco excessivamente abrupta, mas fecunda, não seria o sinal de que agora o que se procura nos documentos-fontes é o que é especificamente cristão e especificamente monástico?

#### **Esclarecimento sobre as cartas**

Enquanto se pedia às Vidas latinas nova luz sobre a obra de santo Atanásio, as Cartas de Antão — descobertas por Klejna em 1938<sup>[18]</sup> editadas em georgiano e traduzidas para um latim inteligível por Garitte em 1955<sup>[19]</sup> e das quais von Hertling podia escrever em 1956: “Temos a certeza moral, essa certeza que, em Patrística, nos basta na maior parte dos casos, de que as sete cartas vistas por são Jerônimo e cujo texto possuímos... são obras autênticas de Antão”<sup>[20]</sup> — saíam com dificuldade de seu longo sono, não parecendo, entretanto, que já esteja afastada toda suspeita a seu respeito. Nem Doerries, nem N. Devilliers quiseram tomá-las em consideração para o esclarecimento da Vida. Essas cartas eram de uma

obscuridade desencorajadora, e continuam difíceis. Mas a razão principal do descrédito do qual elas mal começam a sair vem muito mais da imagem de Antão que elas refletem: asceta que apenas evoca as grandes práticas do deserto, eremita que encontra tanto calor e argumentos tão teológicos para falar da caridade fraterna, santo cuja Vida é célebre por suas diabruras e que declara o demônio invisível, iletrado que se antecipa à linguagem origenista de Evágrio. Na recensão da edição de Garitte, na *Revue d'Histoire Ecclésiastique*<sup>[21]</sup> dom Gribomont foi, sem dúvida, o primeiro a chamar a atenção para esse fenômeno, que, se refletirmos bem, está longe de ser contraditório com o testemunho de santo Atanásio e abre perspectivas muito novas sobre as origens do monaquismo<sup>[22]</sup> Recentemente duas traduções completas, uma em inglês e a outra em francês, e extratos significativo<sup>[23]</sup> puseram essas Cartas numa forma mais acessível àqueles que, depois de terem ouvido falar de Antão por Atanásio, desejariam ouvir a sua voz. Na Vida, como nas Cartas, recebemos o mesmo apelo original, imediato e sempre novo do Senhor, diante do qual, como Elias e como Antão, estamos nós hoje. É mensagem que não pode envelhecer.

Pé. Guerric Couilleau, ocr

Dia de santo Antão, 17 de janeiro de 1979.

Abadia de Bellefontaine

## **PREFÁCIO**

É bom combate o que empreendestes com os monges do Egito, propondo-vos igualá-los ou até ultrapassá-los por vossa ascese virtuosa; porque também entre vós existem mosteiros, e o nome dos monges é célebre. Seria justo louvar esse propósito; orai, e Deus se digne realizá-lo. Mas, como me interrogastes sobre o gênero de vida do bem-aventurado Antão, e quereis saber como começou a ascese, quem era antes, qual o fim de sua vida e se o que dizem dele é verdade, para rivalizardes com ele, recebi vossa ordem com grande alegria, porque, também para mim, só o fato de me recordar de Antão é de grande proveito. Sei também que, depois de ouvirdes falar dele, não só o admirareis, mas também quereis imitar sua conduta, porque, para monges, a vida de Antão é suficiente como

exemplo de ascese. Não vos recuseis a crer no que vos narram dele; pensai, antes, que vos dizem muito pouco dele. Mal puderam narrar-vos as grandes coisas que fez; e eu mesmo, a quem pedis que vos instrua, direi bem pouco, escrevendo e narrando-vos todas as minhas recordações. Não cesseis de interrogar aqueles que vão daqui, por mar, até vós, porque é provável que, ainda que cada um diga o que dele sabe, dificilmente falará dignamente.

Ao receber vossa carta, desejaria pedir que viessem até aqui alguns monges e me assistissem seus mais íntimos familiares: sabendo mais, eu vos instruiria mais completamente, mas a temporada de navegação encerrava-se, e o mensageiro estava apressado. Adiantei-me, pois, em escrever a Vossa Piedade o que eu mesmo sei, porque o vi muitas vezes, o que pude aprender dele, tendo-o frequentado por muito tempo, tendo derramado água em suas mãos. Em tudo tive a preocupação de dizer a verdade; se alguém ficar sabendo mais do que espera, não se recuse a crer; se ficar sabendo menos do que é necessário, não despreze o homem.

\*\*\*

## NOTAS

[1] Noëlle Devilliers, Antoine lê Grand, père dès moines, “Spiritualité Orientale et Vie Monastique” 8, Bellefontaine, 1971; Louis Bouyer, La Vie de St. Antoine, “Spiritualité Orientale et Vie Monastique” 22,2\* ed. (revista e corrigida), Bellefontaine, 1977.

[2] Antonius Magnus Eremita. 356-1956. Studia ad aníquum monachismum spectantia, coordenação de B. Steidle, osb (“Studia Anselmiana” 38), Roma, 1956.

[3] L. von Hertling, “Studi storici antoniani negli ultimi trent’anni”, in Antonius Magnus..., pp. 13-34.

[4] A do Pé. L. von Hertling, Antonius der Einsiedler, Innsbruck, 1929; a de H. Doerries, Die Vita Antonii ais Geschichtsquelle, Nachr. Ak. d. Wiss. in Goettingen, Phil.-Hist. Klasse 1949, n. 14; e a do Pé. Bouyer, citada na nota 1 (1ª ed., 1950).

[5] Descoberta por dom A. Wilmart, “Une Version latine inédite de la Vie de Saint Antoine”, in *Revue bénédictine* 31 (1914): 163-73, editada por G. Garitte, *Un témoin important du texte de la Vie de St. Antoine par St. Athanase. La version latine inédite dès Archives du Chapitre de Saint Pier à Rome*, Bruxelas-Roma, 1939.

[6] F. Klejna, “Antonius und Ammonas, eine Untersuchung ueber Herkunft und Eigenart der aeltesten Moenchsbriefe”, in *Zeitschrift f. kath. Theol.* 62 (1939): 309-48.

[7] *Lettres de St. Antoine, version géorgienne et fragments coptes*, trad. de G. Garitte (“CSCO” 149), Lovaina, 1955.

[8] Cf. nota 1.

[9] O Pé. L. Th. A. Lorié, sj, publicou sua tese sobre o vocabulário dessas versões muito tarde, para que pudesse figurar entre os estudos antonianos analisados por von Hertling: *Spiritual Tenninology in the Latin Translations of the Vita Antonii with Reference to Fourth and Fifth Century Monastic Literature* (“*Latinitas Christianorum Primaeva*” 11), Nimega, 1955.

[10] B. R. Voss, “Bemerkungen zu Euagrius von Antiochien, Vergil und Sallust in der Vita Antonii”, in *Vigiliae Chrístianae* 21 (1967): 93-102.

[11] G. J. M. Bartelink, “Einige Bemerkungen ueber Euagrius’ von Antiochien Übersetzung der Vita Antonii”, in *Rev. bénédictine* 82 (1972): 98-105; cf. também, do mesmo autor: “Grécismes lexicologiques et syntaxiques dans lês traductions latines du IV” siècle de Ia Vita Antonii d’Athanase”, in *Mnemosyne* 30 (1977): 388-422.

[12] Cf. nota 5.

[13] *Op. cit.*, p. 9.

[14] Em sua contribuição ao volume do 16º centenário: “Note sur Ia version latine Ia plus ancienne de Ia Vie de Saint Antoine par Saint Athanase”, in *Antonius Magnus...*, pp. 35-44.

[15] H. W. Hoppenbrouwers, osb, *La plus ancienne version latine de la Vie de St. Antoine par St Athanase. Etude de critique textuelle* (“*Latinitas Christianorum Primaeva*” 14), Nimega, 1960.

[16] Idem, “La technique de la traduction dans l’antiquité d’après la première version latine de la *Vita Antonii*”, in *Mélanges Chr. Mohrmann*, nouveau recueil, Utrecht-Anvers, 1973, pp. 80-95 (cf. pp. 92-4: poderia tratar-se de Isidoro de Cetéia).

[17] *Vita di Antonio*, introd. de Christine Mohrmann, texto crítico e comentário org. por de G. J. M. Bartelink, trad. de Pietro Citati e Salvatore Lilla, Fondazione Lorenzo Valla, 1974.

[18] Cf. nota 6.

[19] Cf. nota 7.

[20] Op. cit., p. 34.

[21] 51 (1956): 546-50; cf. também seu art.: “Antônio l’eremita S.”, in *Dizionario degli Istituti di Perfezione*. São essas intuições, entre outras, que procurei desenvolver em “La liberte d’Antoine”, in *Commandements du Seigneur et libération évangélique* (“*Studia Anselmiana*” 70), Roma, 1977, pp. 13-46.

[22] Cf. G. Couilleau, “L’Alliance aux origines du monachisme égyptien”, in *Collectanea Cisterciensia* 39 (1977): 170-93.

[23] *The Letters of St. Antony the Great*, trad. de D. J. Chitty (“Fairacres Publication” 50), Oxford, 1975; *Saint Antoine, Lettres*, introd. de dom André Louf, ocr, trad. francesa dos monges de Mont-des-Cats (“*Spiritualité Oriental*” 19), Bellefontaine, 1976; dom V. Desprez, “Lês Lettres de St Antoine. Traduction de quelques extraits”, in *Lettre de Ligugé* 177 (1976): 9-16.

## **PRIMEIRA PARTE**

### **Nascimento e educação de Antão (251-269)**

1. Antão era egípcio de nascimento, filho de nobres riquíssimos. Eles mesmos cristãos, educaram-no cristãmente. Enquanto criança, foi criado com os pais, e não conheceu nada fora eles e a casa. Crescendo e avançando em idade, não quis aprender as letras, para evitar a companhia dos outros jovens. Todo seu desejo era, como está escrito de Jacó, viver somente em casa. Ia com os pais à casa do Senhor. Enquanto criança, não foi preguiçoso; avançando em idade, não desprezou (os pais), mas era-lhes submisso; atento às leituras, conservava interiormente seus frutos. Malgrado a fortuna bastante considerável dos pais, o menino não os importunava para ter alimentação abundante e variada, não procurava nela o prazer. Contente com o que era servido, não reclamava de nada.

### **Tornando-se órfão, despojou-se dos bens**

2. Com a morte dos pais, ficou sozinho com uma irmã muito jovem. Entre os dezoito e vinte anos, assumiu a responsabilidade da casa e da irmã. Menos de seis meses depois do luto, indo à igreja, segundo seu costume, refletia consigo mesmo, meditava, caminhando, como os apóstolos deixaram tudo para seguir o Cristo, como, segundo os Atos dos Apóstolos, os fiéis vendiam seus bens e davam o dinheiro, colocando-o aos pés dos apóstolos, renunciando a eles em benefício dos necessitados; e quão grande esperança tinham nos céus. Ocupado o coração com esses pensamentos, entrou na igreja. Ocorreu que se leu o evangelho, e ouviu o Senhor dizendo ao rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres; vem e segue-me, terás um tesouro nos céus” (Mt 19,21). Antão, tendo recebido de Deus a lembrança dos santos, como se a leitura tivesse sido feita para ele, saiu logo da igreja. Os bens que recebeu dos pais, trezentos arures de excelente terra fértil, deu-os de presente às pessoas da aldeia, para não ser estorvado por eles, nem ele nem sua irmã. Vendeu todos os móveis e distribuiu aos pobres todo o dinheiro recebido, salvo pequena reserva para a irmã.

### **Inícios na ascese (270)**

3. Entrando na igreja outra vez, ouviu no evangelho o Senhor que dizia: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã” (Mt 6,34). Não suportando mais, distribuiu aquela reserva aos pobres. Recomendou sua irmã a virgens conhecidas e fiéis, colocou-a numa casa de virgens para aí ser educada. Quanto a si, fez o aprendizado da ascese diante de casa, atento a si mesmo e submetendo-se a rude disciplina. Não havia ainda no Egito mosteiros tão numerosos, e o monge não sabia absolutamente nada do grande deserto. Quem queria aplicar-se a si mesmo, exercitava-se não longe de sua aldeia. Vivia então na aldeia vizinha um ancião que desde a juventude levava vida solitária. Antão o viu e rivalizou com ele no bem. Antes de tudo, começou, também ele, a habitar nos arredores da aldeia. De lá, quando ouvia falar de um zeloso, ia procurá-lo, como uma abelha diligente, e não retornava ao eremitério sem tê-lo visto; tendo recebido dele como que um viático, a fim de caminhar para a virtude, voltava. Assim, pois, no começo lá permaneceu e se fortificou em sua resolução de não retornar aos bens dos pais e de não mais se lembrar dos parentes. Todo seu desejo, toda sua aplicação eram orientados para a faina ascética. Trabalhava com as mãos, porque ouvira: “Quem não trabalhar, também não há de comer” (2Ts 3,10). Com parte de seu ganho, comprava o pão; o resto distribuía aos necessitados. Orava continuamente, tendo aprendido que é necessário orar sem cessar em particular. Era tão atento à leitura que nada lhe escapava das escrituras, e a memória lhe fazia as vezes de livros.

#### **Instrui-se junto de outros ascetas e se esforça por imitar suas virtudes**

4. Comportando-se assim, Antão era amado de todos. Submetia-se de bom grado aos zelosos (ascetas) que ia ver, e se instruía junto deles na virtude e na ascese próprias de cada um. Contemplava em um a amabilidade, em outro a assiduidade em orar; neste via a paciência, naquele a caridade para com o próximo; de um notava as vigílias, de outro a assiduidade à leitura, admirava a um pela constância, a outro pelos jejuns e pelo repouso na terra nua. Observava a mansidão de um e a grandeza de alma de outro; em todos notava, ao mesmo tempo, a devoção a Cristo e o amor mútuo.<sup>[1]</sup> Assim satisfeito, voltava para o lugar onde se entregava à ascese, condensando e esforçando-se por exprimir em si mesmo as virtudes de todos. Dos contemporâneos não era invejoso senão num só ponto: não lhes ser inferior no melhor. Procedia de tal modo que a ninguém

importunava, e todos sentiam alegria a seu respeito. Todos os habitantes da aldeia e as pessoas de bem que tinham relações com ele viam-no assim, chamavam-no de amigo de Deus, e amavam-no, uns como a um filho, outros como a um irmão.

#### **O inferno faz de tudo para levá-lo a abandonar sua decisão**

5. Mas o diabo, inimigo do bem e invejoso, não suporta ver semelhante propósito num jovem. O que maquinara contra ele começou a executar. Primeiramente, tentou fazê-lo abandonar a ascese, sugerindo-lhe a recordação dos bens, a responsabilidade pela irmã, suas relações familiares, o amor ao dinheiro, o desejo de glória, o prazer variado da comida, as outras satisfações da vida, enfim, a aspereza da virtude e as grandes fainas que ela requer ele lhe representou igualmente a fraqueza de seu corpo e o longo tempo que lhe resta para viver. Em suma, despertou em seu espírito tempestade de pensamentos, querendo fazê-lo renunciar à reta eleição. Mas quando o inimigo se viu enfraquecido diante da resolução de Antão, vencido por sua constância, posto em fuga por sua grande fé e sucumbindo às suas orações contínuas, pôs sua confiança nas armas que estão *in umbilico ventris ejus*<sup>[2]</sup> (São suas primeiras ciladas contra os jovens): ele atacou o jovem, perturbando-o noite e dia, e assediando-o de tal maneira que aqueles que o viam se apercebiam do combate. O diabo lhe sugeria pensamentos obscenos. Antão os repelia pela oração. O demônio o excitava. Ele, ruborizando-se, fortalecia o corpo com a fé, as orações e os jejuns. À noite, o diabo miserável chegava a tomar a forma de mulher e a lhe imitar os gestos, com o único fim de seduzir Antão, mas este, pondo Cristo no coração e meditando sobre a nobreza que vem dele e sobre a espiritualidade da alma, apagava o tição dos embustes do demônio. Novamente o inimigo lhe sugeriu as doçuras da voluptuosidade, mas ele, cheio de cólera e de tristeza, pôs no coração a ameaça do fogo e o tormento do verme. Graças a esse escudo, saiu incólume. Tudo concorria para a confusão do inimigo: ele, que pensou em fazer-se semelhante a Deus, agora era vencido por um jovem; ele, que despreza a carne e o sangue, era desbaratado por um homem de carne, ajudado pelo Senhor, que tomou carne por nós e dá ao corpo a vitória contra o diabo, o que faz todos aqueles que lutam dizer: “Não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10).

#### **O demônio da impureza se confessa vencido**

6. Enfim, o dragão, incapaz de abater Antão com esse meio, e vendo-se rejeitado de seu coração, rangia os dentes fora de si, como está escrito. Tal é espiritualmente, tal se mostrava sensivelmente, aparecendo-lhe sob as feições de menino negro. Caindo sobre ele, assaltava-o não mais com pensamentos (esse ardil fracassara), mas dizendo com voz humana: “Enganei a muitos, venci a maior parte, e eis que, atacando, como a muitos, a ti e a tuas fainas, fracassei”. Antão o interrogou: “Quem és tu, que me dizes essas coisas?” Esse respondeu logo, com voz lastimosa: “Sou o amigo da impureza, pela qual armei contra os jovens ciladas e excitações; chamam-me o espírito de fornicção. Enganei quantos queriam viver retamente; seduzi e fiz mudar de idéia, excitando-os, a quantos eram continentes. É por causa de mim que o profeta censura aqueles que caem: ‘Um espírito de prostituição vos desencaminhou’ (Os 4,12). Foi por mim, com efeito, que foram arruinados. Fui eu quem muitas vezes te perturbou, e todas as vezes tu me puseste em fuga”. Antão deu graças ao Senhor, se encorajou contra o demônio e lhe disse: “Tu és verdadeiramente muito desprezível, porque, espiritualmente, és negro, e és fraco como um menino. Não tenho mais nenhuma preocupação a teu respeito. O Senhor é meu socorro, desprezarei meus inimigos” (Sl 117,7). A essas palavras, o negro fugiu: ele temia a voz e receava até aproximar-se do jovem.

#### **Antão reforça sua ascese na previsão de novos combates**

7. Tal foi a primeira vitória de Antão contra o diabo. Mas foi, antes, em Antão, o sucesso do Salvador, que “condenou o pecado na carne, a fim de que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não caminhamos segundo a carne, mas segundo o espírito” (Rm 8,3-4). Antão não tirou pretexto da derrota do demônio, para se negligenciar e cair na presunção. Por outro lado, vencido, o inimigo não cessou de preparar-lhe ciladas. Vagava como um leão, procurando ocasião contra ele. Antão, conhecendo pela Escritura a variedade dos métodos táticos do inimigo, perseverava na ascese, dizendo a si mesmo que, se o diabo não tivera força para enganar seu coração com a voluptuosidade do corpo, tramava tentá-lo de maneira totalmente diferente, porque o demônio é amigo do pecado. Por isso cada vez mais Antão castigava o corpo e o reduzia à servidão, temendo que, vitorioso em alguns pontos, sucumbisse em outros. Resolveu exercitar-se nas mais duras austeridades. Muitos se espantavam, mas suportava com facilidade a faina. Seu zelo perseverante operava nele bons hábitos. Tendo recebido de outros

apenas pequeno impulso, mostrava grande aplicação. Permanecia tanto em vigília que às vezes passava sem dormir a noite toda. Todos se admiravam que ele o fizesse não uma vez só, mas com muita freqüência. Comia só uma vez por dia, depois do pôr-do-sol, e acontecia, por vezes, tomar alimento apenas de dois em dois dias, muitas vezes até de quatro em quatro. Ora, seu alimento era pão e sal; a bebida, água pura. Da carne e do vinho é supérfluo falar, uma vez que para os outros ascetas zelosos nada disso existe. Para dormir, contentava-se com uma esteira, e na maior parte do tempo dormia na terra nua. Recusava para si toda unção com óleo, dizendo que aos jovens mais convinha exercitar-se com entusiasmo na ascese e não procurar o que amolece o corpo, mas, antes, exercitá-lo nas fainas. Meditava a palavra do apóstolo: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Dizia que o vigor da alma se fortalece quando os prazeres do corpo se enfraquecem. Fazia o seguinte raciocínio verdadeiramente admirável: não se deve medir o caminho da virtude, nem a vida em retiro com vista à virtude, pelo tempo, mas pelo desejo e pela resolução. Ele próprio não recordava o tempo passado, mas, dia após dia, como se estivesse iniciando na ascese, mais se esforçava para progredir, repetindo continuamente a palavra de são Paulo: “Esquecendo-me do que fica para trás e lançando-me para o que está diante, prossigo para o alvo” (Fl 3,14). Lembrava-se também da palavra de Elias: “Vive o Senhor, diante do qual estou hoje” (1Rs 18,15). Observava que, dizendo “hoje”, Elias não contava o tempo passado. Por isso, como se estivesse sempre no começo, esforçava-se todos os dias para se mostrar tal como se deve comparecer diante de Deus: com o coração puro e pronto a obedecer à sua vontade, e a nenhuma outra. Dizia que o asceta deve aprender sempre da conduta do grande Elias, como num espelho, a vida que deve levar.

**Retirado em túmulo, suporta heroicamente as cruéis sevícias dos demônios**

8. Assim, triunfando de si mesmo, Antão foi para os sepulcros que se encontram longe da aldeia, tendo recomendado a um de seus amigos que lhe levasse pão a longos intervalos. Entrou num dos túmulos, fechou a porta e lá permaneceu sozinho. O inimigo não suportou, temendo que, em pouco tempo, enchesse de ascese o deserto. Certa noite, entrando com uma tropa de demônios, abateu-o a poder de golpes, a tal ponto que a dor o estendeu por terra, sem voz. As dores eram tão fortes que pensava que os golpes dos homens jamais poderiam causar tal tormento. Por disposição da providência

divina (o Senhor não abandona jamais aqueles que nele esperam), no dia seguinte, seu amigo foi levar-lhe pães. Abrindo a porta, viu Antão deitado na terra como morto. Ele o ergueu, levou-o para a igreja da aldeia e o estendeu sobre a terra. Muitas pessoas de sua parentela e as pessoas da aldeia o cercavam como a um morto. Pela meia-noite, recobrando os sentidos, despertou. Vendo que todos dormiam, e só seu amigo estava acordado, fez-lhe sinal para se aproximar e lhe pediu que o tomasse novamente e o levasse de volta aos túmulos, sem despertar ninguém.

**Provoca os adversários, que o assaltam na forma de animais ferozes e venenosos**

9. Transportado por esse homem, ficou sozinho no interior (do túmulo), com as portas fechadas, como de costume. Muito fraco para se manter de pé, em consequência das feridas, orou deitado. Depois da oração, gritou: “Eu, Antão, aqui estou, não fujo das feridas. Se me causares outras, e mais numerosas, ‘nada me separará do amor de Cristo’ ” (Rm 8,35). Depois salmodiou: “Ainda que um exército acampe contra mim, meu coração não temerá” (Sl 26,3).

Eis o que pensava e dizia o asceta. Mas o inimigo, que odeia o bem, surpreso da audácia dele em voltar, apesar de tantas feridas, convocou seus cães e lhes disse, arrebatado de furor: “Vedes que nem pelo espírito de fornicação, nem pelas feridas conseguimos fazê-lo desistir; ao contrário, ousa contra nós. Ataquemo-lo, pois, de outra maneira”.

É fácil ao diabo revestir-se de diversas formas, a fim de praticar o mal. À noite os demônios fizeram, pois, alarido tal que todo o local tremia. As paredes da pequena habitação estavam como que rompidas, e os demônios irromperam, metamorfoseados em animais e répteis; todo o lugar se encheu de espectros de leões, ursos, leopardos, touros, serpentes, víboras, escorpiões e lobos. Cada animal se comportava segundo sua natureza. O leão rugia querendo atacá-lo, o touro parecia dar chifradas, a serpente rastejava mas sem se aproximar, o lobo avançava mas era contido, e todas essas feras de aparição faziam ruídos horríveis e mostravam disposições ferozes. Antão, fustigado, espicaçado por elas, sentia dores cada vez mais atrozes. Intrépido e com a alma atenta, jazia por terra, gemendo de dor física, mas com a alma bem vigilante, e zombava deles: “Se tivésseis algum poder, bastaria que viesse um só de vós, mas o Senhor tirou a vossa força,

por isso tentais assustar-me pelo vosso número. É sinal de fraqueza imitardes formas de animais”. Ousando, dizia: “Se podeis alguma coisa, se recebestes poder contra mim, não tardeis, atacai. Se não podeis, por que vos perturbar em vão? Nossa fé no Senhor é nosso selo e nosso muro de proteção”. Depois de várias tentativas, rangiam os dentes contra ele, furiosos por serem eles os vencidos, e não ele.

#### **Uma visão celeste o reconforta e lhe promete assistência**

**10.** O Senhor não se esqueceu do combate de Antão e trouxe-lhe socorro. Levantando os olhos, viu o teto como que aberto e um raio de luz descendo até ele. Os demônios haviam desaparecido, a habitação estava novamente intata. Consciente do socorro, respirando mais tranquilo e aliviado de suas penas, interpelou a visão: “Onde estás? Por que não apareceste desde o começo, para fazer cessarem minhas dores?” Ouviu-se uma voz: “Eu estava aqui, Antão. Esperava para te ver combater. Já que resististe e não foste vencido, serei para sempre teu socorro e tornar-te-ei célebre por toda parte”. Ao ouvir essas palavras, ele se levantou e orou. Estava tão reconfortado que sentia em seu corpo mais força que antes do combate. Andava pelos trinta e cinco anos.

#### **Retira-se para o deserto, indiferente à magia do diabo**

**11.** Chegado o dia, saiu, ainda mais ardente no serviço de Deus, e foi ter com o ancião, mais velho que ele, e lhe pediu que fosse viver com ele no deserto. O ancião se recusou, alegando idade e falta de costume. Antão partiu logo para a montanha. Mas o inimigo, vendo seu zelo e querendo impedi-lo, atirou no caminho a aparência de um grande disco de prata. Antão adivinhou o estratagema do inimigo do bem, deteve-se, olhou para o disco e confundiu o diabo, dizendo-lhe: “De onde vem este disco, nesse deserto? Essa estrada não é batida, não se vê rasto de ninguém por aqui. Se caiu, foi percebido porque é grande; aquele que o tivesse perdido voltaria e, procurando, o teria encontrado, uma vez que o lugar é deserto. Trata-se, portanto, de um artifício do diabo. Não é com isso, demônio, que impedirás meu propósito. “Fique ele contigo para tua perdição” (At 8,20). Diante dessas palavras de Antão, o disco desapareceu como a fumaça diante do fogo.

**Antão despreza o ouro e se estabelece numa fortificação abandonada (285-305)**

12. Continuando, viu na estrada não mais uma magia, mas ouro verdadeiro. Teria sido o inimigo que lá o pusera ou algum poder superior, a fim de exercitar o atleta e mostrar ao diabo que ele não se preocupava inclusive com riquezas verdadeiras? Ele não no-lo disse, e nós não o sabemos, mas o ouro era verdadeiro. Antão, surpreso com tal quantidade, passou além como se fosse fogo. Caminhou sem se voltar, apressando o passo, até que estivesse bem longe, para não ver esse ouro. Cada vez mais firme em seu propósito, lançou-se em direção à montanha. Depois do rio, encontrou um castelo fortificado, deserto, cheio de répteis desde o tempo em que deixou de ser habitado. Lá se estabeleceu definitivamente. Os répteis se retiraram logo, como se alguém os perseguisse. Antão tapou a entrada. Levara pão para seis meses. (Os tebanos fazem pães que se conservam por um ano.) Como havia água aí dentro, ele não saía, nem via aqueles que lá iam. Exercitou-se assim por longo tempo, recebendo somente pão, por cima, duas vezes por ano.

**Novos assaltos dos demônios. Antão tranqüiliza os visitantes espantados com suas lutas**

13. Alguns de seus familiares foram a ele, que não lhes permitiu entrar. Ficaram de fora dia e noite; ouviam então como que tropas barulhentas fazendo alarido, esbravejando no interior, falando com voz lamentosa e gritando: “Vai-te de nossa casa! Que tens a fazer no deserto? Não suportarás nossa conjuração”. Inicialmente, de fora, pensavam que homens, descidos até ele por escadas, se batessem com ele. Mas olhando por algumas frestas e não vendo ninguém, os visitantes concluíram que se tratava de demônios. Aterrorizados, chamavam por Antão. Ouvia mais estes, não se preocupava com os demônios. Aproximando-se da porta, exortava as pessoas a se retirarem, sem temor, porque, dizia, os demônios usam de magias contra aqueles que têm medo. “Persignai-vos e parti corajosamente, deixai que eles se iludam a si mesmos”. Partiram, munidos do sinal-da-cruz. Antão ficou. Os demônios não podiam fazer-lhe nenhum mal, ele não se cansava de combatê-los. Os vizinhos celestes e a fraqueza dos inimigos aumentavam seu ardor. Muitas vezes aqueles que o conheceram vinham e, pensando encontrá-lo morto, ouviam-no salmodiar: “Deus se levanta: seus inimigos debandam, seus adversários fogem de sua frente. Tu os dissipas como a fumaça se dissipa; como a cera se derrete na presença do fogo, perecem os

ímpios na presença de Deus” (Sl 67,2-3). E ainda: “As nações todas me cercaram: em nome do Senhor as destruí” (Sl 117,12).

**Seus discípulos o forçaram a deixar o retiro (305-306). Faz diversos milagres. Sua aparência nessa época**

**14.** Viveu cerca de vinte anos assim, recluso, levando vida ascética, não saindo, não se mostrando. No fim, muitos queriam imitar sua ascese. Seus amigos vieram, quebraram e arrombaram a porta. Antão saiu, como que iniciado nos mistérios no segredo do templo e como que inspirado por sopro divino. Então, pela primeira vez, aqueles que foram o viram e admiraram: seu aspecto permanecera o mesmo; não engordara em consequência da falta de exercícios físicos, nem emagrecera por causa dos jejuns e da luta contra os demônios, mas estava tal como o conheceram antes de seu retiro. Espiritualmente puro, não estava nem encolhido pelo desprazer, nem dilatado pelo prazer; nele nem riso nem tristeza; a multidão não o perturbava, as muitas pessoas que o saudavam não lhe davam alegria excessiva: sempre igual a si mesmo, governado pela razão, natural. Por ele o Senhor curou várias pessoas que sofriam em seus corpos e purificou outras dos demônios. Antão recebera de Deus a graça de consolar os aflitos e de reconciliar as pessoas em discórdia. Dizia-lhes que não estimassem coisa alguma do mundo mais que o amor de Cristo. Exortando à recordação dos bens futuros e do amor testemunhado a nós por Deus, que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por nós, persuadiu muitas pessoas a abraçarem a vida solitária; foi assim que mosteiros se ergueram nas montanhas e o deserto se povoou de monges, tendo muitos homens renunciado a todos os bens e dado seu nome à cidade dos céus.

**O pai dos monges**

**15.** Certo dia, para ir visitar seus irmãos, como de costume, teve de atravessar o canal de Arsínoe (no lago Merare), infestado de crocodilos. Limitou-se a fazer uma prece e a entrar na água com seus companheiros; atravessaram incólumes. Retornando à sua solidão, retomou as antigas fainas com vigor. Em freqüentes colóquios, encorajava os monges e determinou vários visitantes a se tornarem monges. Era como que o pai de todos esses mosteiros.

## SEGUNDA PARTE

**Utilidade dos colóquios espirituais. O combate ascético dura pouco. A vitória será eterna**

16. Certo dia, todos os monges foram vê-lo e lhe pediram que lhes dirigisse a palavra. Disse-lhes em egípcio: “As santas escrituras bastam para o nosso ensinamento, mas é bom que nos exortemos mutuamente na fé e nos animemos com conversações. Vós, meus filhos, trazeis ao vosso pai o que sabeis; eu, mais velho que vós, comunico-vos o que a experiência me ensinou. Que nosso esforço comum seja, antes de tudo, de não abandonarmos o que começamos, de não nos desencorajarmos no trabalho, de não dizermos: a nossa ascese dura há muito tempo. Ao contrário, como se estivéssemos começando, aumentemos cada dia nosso zelo. Toda a vida do homem é muito curta em comparação com os séculos futuros, todo o nosso tempo não é nada, se comparado com a vida eterna. Todas as coisas do mundo podem ser vendidas, trocadas por seu valor, mas a promessa da vida eterna se compra barato. Está escrito: ‘Setenta anos é o tempo da nossa vida, oitenta anos, se ela for vigorosa; e a maior parte deles é fadiga e miséria’ (Sl 89,10). Se, pois, passarmos nossos oitenta ou ainda cem anos na vida ascética, não reinaremos só cem anos, mas pelos séculos dos séculos. Tendo combatido na terra, teremos herança não terrestre, mas celeste, e, deposto este corpo, receberemos outro, incorruptível”.

**Deixar tudo é pouco**

17. “Portanto, meus filhos, não nos cansemos, não pensemos que o tempo seja longo ou que fazemos grande coisa. ‘Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória futura que se manifestará em nós’ (Rm 8,18). Olhando para o mundo, não pensemos que renunciamos a grandes coisas. A terra inteira é muito pequena diante do céu. Se, pois, possuíssemos a terra inteira e renunciássemos totalmente a ela, isso não seria digno do reino dos céus. Como quem desprezasse uma dracma para ganhar cem, assim o senhor de toda a terra, renunciando a ela, deixaria pouco e receberia o cêntuplo. Se toda a terra não é digna do reino dos céus, aquele que deixa algumas jeiras de terra não perde, por assim dizer, nada, e, se deixa sua casa e muito ouro, não tem motivo para se gloriar ou esmorecer. Aliás, as coisas que não deixamos, a morte no-las tira, e elas muitas vezes passam às mãos de pessoas para as quais não quereríamos que

fossem, como diz o Eclesiastes (Ecl 4,8). Por que não deixá-las por virtude, para obtermos a herança do reino? Portanto, que o desejo de possuir não nos invada. Qual a vantagem em adquirirmos o que conosco não levaremos? Adquiramos, pois, o que levaremos: a prudência, a justiça, a temperança, a fortaleza, a inteligência, a caridade, o amor aos pobres, a fé em Cristo, a mansidão, a hospitalidade. Se as obtivermos, encontrá-las-emos para nos receberem na terra dos mansos”.

#### **Perseverar até ao fim**

**18.** “Por essas e outras razões semelhantes, cada um se persuade para não ser pusilânime, especialmente refletindo que, sendo servo de Cristo, deve servi-lo. Um servo não diz: trabalhei ontem, hoje descanso; não mede o tempo passado, para deixar de trabalhar, mas cada dia, como está no evangelho, tem igual zelo no trabalho para agradar a seu senhor e não se pôr em perigo. Também nós, perseveremos todos os dias na vida ascética; se nos negligenciarmos um dia sequer, o Senhor não nos perdoará em razão do tempo passado, mas se irritará conosco por causa de nossa negligência. Assim está escrito em Ezequiel (Ez 18,24.26; 33,12). Assim Judas, em uma noite, perdeu a faina do tempo decorrido”.

#### **“Quotidie morior”**

**19.** “Por isso, meus filhos, apliquemos nossa atenção à ascese, não nos descuremos. O Senhor colabora conosco; está escrito: ‘Aquele que escolheu o bem, Deus colabora com ele’ (Rm 8,28) para o bem. Para não sermos pusilânimes é bom que meditemos na palavra do apóstolo: ‘Todo dia estou exposto à morte’ (1Cor 15,31). Se vivermos como devendo morrer todo dia, não pecaremos. Eis como se deve entender isso. Todo dia, ao nos levantarmos, pensemos que não chegaremos até à noite, e à noite, ao nos deitarmos, pensemos que não acordaremos no dia seguinte. A nossa vida, por natureza, é incerta; todo dia nos é medido pela providência. Dispostos e vivendo assim todo dia, não pecaremos, não teremos desejo de nada, não teremos ressentimento contra ninguém, não entesouraremos na terra, mas, esperando morrer todo dia, seremos pobres, perdoaremos tudo a todos (ou seremos condescendentes em tudo com todos); se não dominarmos inteiramente os desejos de mulher ou de outros prazeres impuros, desviarmos-nos deles como de coisas caducas, lutando sempre e tendo em vista o

dia do julgamento, porque o maior temor e o perigo dos tormentos dissipam a doçura do prazer e mantêm a alma dócil”.

**A virtude está em nós...**

**20.** “Tendo, pois, começado assim e já seguindo o caminho da virtude, lutemos mais, a fim de chegarmos aos bens futuros (Fl 3,14). Que ninguém olhe para trás como a mulher de Ló (Gn 19,26) porque o Senhor disse: ‘Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino dos céus’ (Lc 9,62). Olhar para trás é mudar de decisão e retomar gosto pelo mundo. Não temais quando ouvirdes falar da virtude, não vos assusteis com o nome. Ela não está longe de nós e não se forma fora de nós; ela age em nós e é fácil, contanto que a queiramos. Os gregos viajam e atravessam o mar para estudarem as letras. Nós não temos necessidade de viajar por causa do reino dos céus, nem de atravessar o mar pela virtude. Antecipando-se a nós, o Senhor disse: ‘O reino dos céus está dentro de vós’ (Lc 72,21). A virtude tem, pois, necessidade somente de nossa boa vontade, já que está em nós e se forma em nós. Se a alma conserva sua parte inteligente conforme a natureza, a virtude se forma. Ela é segundo a natureza quando permanece como foi feita, porque foi feita bela e reta. Por isso Josué, filho de Nun, disse ao povo, exortando-o: ‘Dirigi vosso coração para o Senhor, Deus de Israel’ (Js 24,23), e João Batista: ‘Retificai vossos caminhos’ (Mt 3,3). Para a alma, ser reta é ter a inteligência segundo a natureza, como ela foi criada; mas quando se desvia e se põe em distorção em relação à natureza, fala-se em vício da alma. A coisa não é, pois, difícil; se permanecermos como fomos feitos, estaremos na virtude, mas se meditarmos coisas más, seremos julgados maus. Se a coisa devesse ser procurada fora, seria difícil, mas, como está em nós, guardemo-nos de pensamentos impuros e guardemos nossa alma para o Senhor, como que tendo recebido um depósito, a fim de que ele reconheça sua obra, encontrando-a como a fez”.

**Nossos inimigos os demônios**

**21.** “Lutemos, pois, para que a cólera não nos tire e o desejo não nos domine. Com efeito, está escrito: ‘A cólera do homem não é capaz de cumprir a justiça de Deus; a concupiscência, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, atingindo a maturidade, gera a morte’ (Tg 1,15. 20).

Conduzindo-nos assim, vigiemos atentamente, como está escrito (Pr 4,23). Temos inimigos terríveis e cheios de recursos, os malignos demônios; é contra eles a nossa luta, como diz o apóstolo: ‘Pois nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os príncipes, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos maus, espalhados pelo ar’ (Ef 6,12). Numerosa é sua tropa no ar que nos cerca; não estão longe de nós. Entre eles há grandes diferenças. Sobre sua natureza e sua distinção seria possível fazer longo discurso. Semelhante tratado caberia àqueles que são maiores que nós. O que agora nos é necessário e indispensável é somente conhecer suas velhacarias contra nós”.

#### **Necessidade de conhecermos suas astúcias**

22. “Sabemos que os demônios não foram criados como demônios. Deus não faz nada mau. Também eles foram criados bons, mas, decaídos da sabedoria celeste e precipitados na terra, desviaram os gentios por meio de ficções. Invejam a nós, cristãos, e movem tudo para nos fechar o acesso ao céu, a fim de que não subamos para o lugar do qual caíram. Por isso temos necessidade de orações e da ascese para, mediante o carisma do discernimento dos espíritos, recebido pelo Espírito Santo podermos conhecer o que diz respeito a eles, quais dentre eles são menos maus, quais piores, a especialidade de cada um, e como cada um é vencido e rejeitado. Muitas são, com efeito, suas velhacarias e suas manobras insidiosas. Sabiam-no bem o bem-aventurado apóstolo e seus colaboradores, que diziam: ‘Não ignoramos as intenções dele’ (2Cor 2,11). A experiência de suas tentações deve servir para nos ajudarmos mutuamente a nos precavermos. Tendo deles alguma experiência, eu vos falo como a meus filhos”.

#### **Para eles, todos os meios são bons. Vencidos tentam novas táticas**

23. “Quando os demônios vêm cristãos — sejam quais forem, principalmente se forem monges — trabalhando e progredindo, primeiramente os atacam e os tentam e armam ciladas em seu caminho; suas ciladas são os maus pensamentos. Mas não devemos temer suas sugestões, porque, pelas orações, pelos jejuns e pela fé no Senhor, eles caem logo. Mas, caídos, não desistem e retornam depressa com velhacaria e

astúcia. Não podendo desviar o coração pelo prazer manifesto e impuro, atacam de outro modo, formam ficções, procuram assustar, metamorfoseiam-se e tomam as feições de mulheres, de animais, de serpentes, de grandes corpos, de tropas de soldados. Também essas ficções não devem ser temidas: não são nada e desaparecem depressa, se nos munirmos da fé e do sinal-da-cruz. Eles são atrevidos e impudentes em excesso. Vencidos, experimentam rapidamente outro modo. Fingem profetizar e predizer coisas futuras. Querem dar a impressão de serem tão altos que atinjam o teto, e imensos em largura, a fim de poderem submeter, com suas aparições monstruosas, aqueles que não puderam enganar com os pensamentos. Se encontram uma alma consolidada na fé e na esperança, levam consigo seu chefe”.

#### **Os demônios se gabam. São fracos**

**24.** E Antão dizia que muitas vezes aparecem tal como Deus revelou o diabo a Jó: “ ‘Seus olhos são como arrebóis da aurora. De suas fauces irrompem tochas acesas e saltam centelhas de fogo. De suas narinas jorra fumaça, como de caldeira acesa e fervente. Seu hálito queima como brasas, e de sua boca saltam chamas.’ Aparecendo assim, o príncipe dos demônios espanta. Eu o disse: ele, velhaco, se gaba, como disse o Senhor a Jó: ‘O ferro para ele é como palha; o bronze, como madeira carcomida. Faz ferver o abismo como uma caldeira, e fumegar o mar como um piveteiro’ (Jó 41,10-13.19.23). E pelo profeta: ‘O inimigo dissera: — Perseguirei, hei de alcançar, despojos terei’ (Ex 15,9). E por outro ainda: ‘A minha mão, como em um ninho, apanhou as riquezas dos povos, como se colhem ovos abandonados, assim colhi a terra inteira: não houve ninguém que batesse as asas, ninguém que desse um pio’ (Is 10,14). Os demônios se gabam de fazer tudo isso, anunciam essas coisas, a fim de enganarem os homens piedosos. Mas nós, fiéis, não devemos temer suas magias nem dar atenção à sua voz. Ele mente e não diz absolutamente nada de verdadeiro. Ele, que se diz e se considera capaz de tão belas e grandes coisas, como o dragão, foi pego no anzol pelo Salvador; como num animal de carga, foi-lhe colocado um anel nas ventas. Foi preso como um fugitivo, acorrentado com uma argola nas narinas e seus lábios foram perfurados com um anel. Foi preso pelo Senhor como um passarinho, para que zombemos dele (Jó 40,25-26.29). Ele e os demônios com ele foram reduzidos, como escorpiões e serpentes, a serem calcados com os pés por nós, cristãos (Lc 10,19). A prova é que vivemos

segundo nosso gênero de vida, apesar dele. Porque ele, que se gabava de secar o mar e apoderar-se da terra inteira, eis que não pode impedir nossa ascese, nem a mim de falar contra ele. Por isso, não demos atenção ao que diz, uma vez que mente, nem temamos suas ficções, tão mentirosas. O que aparece nelas não é a verdadeira luz. Do fogo preparado para ele, elas trazem o prelúdio e a imagem, e com as chamas nas quais serão queimados, tentam aterrorizar os homens. Aparecem, mas desaparecem depressa, sem ferir nenhum dos fiéis, mas levando consigo a semelhança do fogo que deve recebê-los. Por isso não devem ser temidos. Pela graça de Cristo, todas as suas maquinações se reduzem a nada”.

#### **Seus disfarces**

25. “São astutos e estão prontos para qualquer mudança ou metamorfose. Muitas vezes fingem salmodiar, sem se mostrarem, e recordam palavras da escritura. Quando lemos, eles, como eco, logo repetem o que lemos. Quando dormimos, despertam-nos para a oração e o fazem tão continuamente que quase não nos permitem dormir. Eis que, transformando-se na aparência de monges, fingem falar como homens piedosos, a fim de enganar-nos pela semelhança externa, e para arrastarem para onde querem aqueles que se desviaram. Mas não devemos dar atenção a eles, ainda que nos convidem a orar, que nos aconselhem a não comermos de tudo, que nos acusem ou nos censurem pelo que sabem de nós. Não fazem isso para a piedade ou para a verdade, mas para levarem os simples ao desespero e persuadi-los de que a ascese é inútil, para incutir-lhes náusea da vida monástica, fazendo-os senti-la como onerosa e muito penosa, e para afastá-los dela”.

#### **Fazê-los calar, ainda quando dizem a verdade, para seduzirem**

26. “O profeta enviado pelo Senhor os designa quando diz: ‘Ai daquele que faz beber seus vizinhos, e mistura seu veneno até embriagá-los’ (Hab 2,15). Suas maquinações e seus pensamentos invertem o caminho que leva para a vida. Ainda quando diziam a verdade (eles diziam a verdade quando gritavam: ‘Tu és o Filho de Deus’ (Lc 4,41), o Senhor lhes fechava a boca e lhes impunha silêncio, para impedi-los de misturar o verdadeiro com o falso, e para nos habituar a jamais ouvi-los, ainda quando parecem dizer a verdade. Tendo as escrituras e a liberdade que o Senhor nos deu, não nos

convém fazer-nos ensinar pelo demônio, que não conservou sua posição e não cessa de inventar outras coisas. Por isso, ainda quando ele repete as palavras da sagrada escritura, o Senhor lho proíbe, dizendo: ‘Ao ímpio Deus declara: — Que te adianta recitar meus preceitos e ter minha aliança na boca?’ (Sl 49,16). Fazem e dizem tudo e se entregam a tumultuosas manifestações, a simulações e agitações, a fim de enganarem os simples. Fazem ruídos, riem loucamente e assobiam. Se ninguém dá atenção a eles, acabam chorando e se lamentando como se em desvantagem”.

#### **Nunca ouvi-los. Não temer suas ameaças**

27. “Portanto, o Senhor, como Deus, lhes fechava a boca. E a nós, ensinados pelos santos, convém que façamos como estes e imitemos sua coragem. Estes, vendo essas coisas, diziam: ‘Enquanto o ímpio estava diante de mim, calei-me, privado de todo bem’ (Sl 38,2-3), e ainda: ‘E eu, como um surdo, não escuto, como um mudo que não abre a boca’ (Sl 37,14). Não os ouçamos, pois, uma vez que nos são estranhos, não lhes obedeçamos, ainda que nos despertem para a oração e nos falem de jejuns. Permaneçamos firmes no propósito de nossa ascese, e não nos deixemos desviar por eles, que fazem tudo com astúcia. Não devemos também temê-los, ainda que pareçam dispostos a nos atacar e ameacem matar-nos, são fracos e só podem fazer isto: ameaçar-nos.”

**Explicações. Apesar de seus estratagemas diversos, os demônios não têm poder. Seria absurdo temê-los**

28. “Até aqui falei como que de passagem. Agora não é necessário ter receio de dizer com mais desenvoltura o que diz respeito a eles. Recordar-vos isso, será segurança para vós. Tendo vindo o Senhor, o inimigo caiu, e seus poderes se enfraqueceram. Por isso, nada podendo, são como um tirano que, mesmo caído, não fica tranqüilo, mas se gaba com palavras. Se cada um de vós refletir nisso, poderá desprezar os demônios. Se eles estivessem presos a corpos como nós, ser-lhes-ia possível dizer: os homens que se escondem, não os encontramos, mas fazemos mal àqueles que encontramos. Também nós, escondendo-nos, poderíamos escapar deles, fechar-lhes as portas. Mas a coisa é muito diferente, eles podem entrar com as portas fechadas e se encontram em toda parte do ar, eles e seu chefe, o diabo; são maus e prontos a fazer o mal, porque, como diz o Salvador:

‘Desde o princípio é homicida o pai da malícia, o diabo’ (Jo 8,44). Ora, vivemos, levamos nossa vida, apesar deles; claro está, portanto, que não têm poder. Nenhum lugar os impede de nos preparar ciladas, não nos consideram como seus amigos para nos pouparem; não são amigos do bem para se corrigirem; ao contrário, são maus e não trazem no coração nada mais que prejudicar os homens, amigos da virtude e tementes a Deus. Nada podendo fazer, nada fazem senão ameaças. Porque, se pudessem alguma coisa, não hesitariam e fariam logo o mal, para o qual sua vontade está sempre pronta, especialmente contra nós. Mas vede: estamos reunidos, falando contra eles, e eles sabem que nossos progressos os enfraquecem. Se tivessem poder, não deixariam viver nenhum de nós, cristãos. Porque ‘para o pecador a piedade é execrável’ (Eclo 1,25). Nada podendo, acabam ferindo-se a si mesmos, por não poderem executar nenhuma de suas ameaças. A fim de não os temermos, refutamos bem o seguinte: se tivessem poder, não viriam em multidão, não fariam magias, não procederiam por metamorfoses. Bastaria um só vir fazer o que pudesse e o que quisesse. Aquele que tem tal poder não mata por magias, não assusta com a vinda em massa, mas usa seu poder logo, como quer. Quanto aos demônios, nada podendo, representam como no palco, mudam de formas, assustam as crianças com aparições em massa e com várias máscaras. São, pois, tanto mais desprezíveis por causa de sua fraqueza. O anjo verdadeiro enviado pelo Senhor contra os assírios não teve necessidade de tropas, de aparências estranhas, nem de tambores, nem de trombetas, mas usa tranqüilamente seu poder e subitamente mata cento e oitenta e cinco mil homens (2Rs 19,35). Enquanto os demônios, impotentes como são, procuram assustar com suas magias”.

**Por permissão divina é que o demônio pôde provar Jó**

**29.** “Se alguém, pensando na história de Jó, objeta: por que então o diabo, saindo contra ele, pôde fazer tudo, tirar-lhe as riquezas, matar os filhos e ferir a ele mesmo com chaga maligna? (Jó 1,15-22; 2,7). Que reconheça: o diabo não era forte, mas Deus lhe entregou Jó, para que o provasse. Precisamente porque nada podia, o demônio pediu esse poder e, tendo-o recebido, agiu. O exemplo confirma que é necessário desprezar o inimigo, já que, ainda quando quer, nada pode contra um homem justo. Se tivesse o poder, não o teria pedido. E o pediu não só uma, mas duas vezes, o que manifesta sua fraqueza e impotência. Não é surpreendente que nada

pudesse contra Jó. Só pôde destruir seu rebanho com a permissão divina. Os demônios não têm poder nem mesmo sobre os porcos. No evangelho está escrito que rogaram ao Senhor: ‘Permite-nos passar para a manada de porcos’ (Mt 8,31). Se não têm poder sobre os porcos, por razão muito mais forte não o têm contra o homem, feito à imagem de Deus”.

#### **Quanto os demônios temem os ascetas**

**30.** “É, pois, a Deus somente que se deve temer; a eles é necessário desprezar e não os temer em nada. Quanto mais coisas fazem, mais devemos praticar nossa ascese contra eles. Arma poderosa contra eles são a vida reta e a fé em Deus. Dos ascetas temem o jejum, as vigílias, as orações, a mansidão, a calma, o desprezo do dinheiro e da vanglória, a humildade, o amor aos pobres, as esmolas, a bondade e, acima de tudo, a piedade em relação a Cristo. Não há nada que não façam para não serem calcados aos pés. Sabem da graça contra eles dada aos fiéis pelo Salvador, quando disse: ‘Eis que vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo’ ” (Lc 10,19).

#### **Vacuidade das predições dos demônios**

**31.** “Se, pois, fingem predizer o futuro, que ninguém faça caso. Com efeito, muitas vezes anunciam, com vários dias de antecedência, a chegada de irmãos, e realmente estes vêm. Não fazem isso em consideração àqueles que os ouvem, mas para persuadi-los a confiar neles e, tendo-os nas mãos, levá-los à perdição. Não devemos, portanto, fazer caso deles, mas enxotá-los, ainda quando predizem coisas futuras, porque não temos necessidade deles. Que há de surpreendente se, tendo corpos mais leves que os dos homens, e vendo-os porem-se a caminho, corram na frente e os anunciem como um cavaleiro, indo na frente, anuncia aquele que caminha a pé? Não há motivo para admirá-los por causa disso. Não conhecem o que não existe ainda. É só Deus que conhece todas as coisas antes que existam (Dn 13,42). Quanto a eles, anunciam o que vêm, correndo na frente como ladrões. A quantos anunciam o que se passa atualmente entre nós, que estamos reunidos e falando contra eles, antes que alguém de nós vá e o diga? Um menino bom corredor pode fazer o mesmo, antecipando-se a um homem cujo passo seja lento. O que quero dizer é o seguinte: se alguém está para vir da Tebaida ou de outra região, antes que se ponha a caminho, eles não

sabem se partirá. Mas, tendo-o visto sair, correm adiante e o anunciam antes que chegue, e sucede que ele chegue alguns dias depois. Mas muitas vezes, tendo os viajantes voltado atrás, verifica-se que os demônios se enganaram”.

**Os demônios são incapazes de verdadeiras profecias**

**32.** “Igualmente, a respeito das águas do rio, falam a torto e a direito. Tendo constatado chuvas abundantes nas regiões da Etiópia, e vendo que essa é a causa da cheia do rio, antes que a água chegue ao Egito, correm na frente e o dizem. Os homens também o diriam, se pudessem correr como eles. Do mesmo modo como o vigia de Davi (2 Sm 18,24), postado em lugar elevado, via mais facilmente que um homem vinha do que quem estava embaixo, e como o corredor anuncia a outros não o que não existe, mas as coisas que estão em via de se realizar e já realizando-se, assim vão anunciar e indicar aos outros coisas futuras, mas é com a única finalidade de enganá-los. Nesse meio tempo, se a providência dispuser outra coisa a respeito das águas e dos viajantes, o que ela pode fazer, os demônios mentiram, e aqueles que neles creram foram enganados”.

**Mais conjeturam que prevêm. Que nada se queira aprender deles**

**33.** “Foi assim que se deram as adivinhações dos helenos e que foram enganados outrora pelos demônios, depois a ilusão se acabou. Porque o Senhor veio e reduziu à impotência os demônios com seus artifícios. Por si mesmos nada sabem, mas, semelhante a ladrões, exibem o que vêem nos outros. Deve-se dizer que mais conjeturam que prevêm. Aliás, quando dizem a verdade, que ninguém os admire muito. Também os médicos, da experiência que têm com os doentes, e tendo visto a mesma doença em vários, muitas vezes predizem mediante conjetura, em virtude do hábito. E os pilotos e os agricultores, em virtude do hábito, considerando o estado da temperatura, predizem a tempestade ou o bom tempo. Ninguém dirá por isso que predizem mediante inspiração divina, mas mediante a experiência e o hábito. Portanto, quando os demônios falam por conjetura, que ninguém os admire, nem dê atenção ao que dizem. Qual é a utilidade em ficar sabendo por eles as coisas futuras alguns dias antes que se realizem? Qual a necessidade de sabê-las, ainda que possam verdadeiramente conhecê-las? Esse conhecimento não é nenhum instrumento de virtude nem de bons

costumes. Ninguém de nós será julgado por não saber essas coisas, e nenhum se torna feliz por tê-las conhecido e por sabê-las. Cada um será julgado a respeito destes pontos: conservou a fé, guardou fielmente os mandamentos?”

**Não desejar o dom da profecia. Deus, se quiser, o dará aos corações puros**

**34.** “Não é necessário, pois, dar grande importância a essas coisas, nem se exercitar e sacrificar-se por elas, mas para agradar a Deus por meio de uma vida boa. Não se deve rezar para prever o futuro, nem desejar isso como recompensa da ascese, mas para que o Senhor nos ajude a vencermos o diabo. Se fazemos questão absoluta de prever, purifiquemo-nos em espírito. Creio que a alma inteiramente purificada e que se conforma com a natureza pode tornar-se mais perspicaz e ver mais coisas e maiores que os demônios, porque ela tem o Senhor para lhas revelar. Tal foi o estado de alma de Eliseu, vendo o que se referia a Giezi (2Rs 5,26) e as forças que estavam em torno de si mesmo” (2Rs 6,17).

**Discernimento dos espíritos. Sinais das aparições angélicas**

**35.** “Se portanto vierem a nós, de noite, e quiserem anunciar-nos o futuro ou nos disserem: ‘Nós somos os anjos’, não lhes deis atenção, estão mentindo. Se louvam vossa ascese e vos declaram bem-aventurados, não lhes deis ouvidos, não lhes deis atenção. Ao contrário, fazei o sinal-da-cruz sobre vós mesmos e sobre a casa e orai, que os vereis desaparecer: são frouxos e têm muito medo do sinal-da-cruz do Senhor, ‘porque por esse sinal o Salvador os despojou e os entregou em espetáculo’ (Cl 2,15). Se se comportarem mais impudentemente, dançarem, tomarem formas e máscaras variadas, não temais, não vos assusteis, não os observeis como se fossem bons. É possível e fácil distinguir a presença dos bons e dos maus, se Deus der essa graça. A vista dos santos não é perturbadora. ‘Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir sua voz nas ruas’ (Is 42,2). Ela se produz tranquila e suavemente, de modo que logo se insinua na alma a alegria e a coragem. Porque com eles está o Senhor, que é nossa alegria e o poder de Deus, o Pai. Os pensamentos da alma permanecem sem perturbação e sem agitação. Ela, iluminada, vê por si mesma as aparições. O desejo dos bens divinos futuros se apodera dela, e ela quereria com todas as forças unir-se a eles, ir até eles. E se, por serem homens (fracos), alguns temem a vista dos

bons (espíritos), estes, ao aparecerem, substituem o temor que se tem deles pelo amor. Assim disse Gabriel a Zacarias (Lc 1,13), e o anjo que, no túmulo divino, apareceu às mulheres (Mt 28,5), e aquele que, segundo o evangelho, disse aos pastores: ‘Não temais’ (Lc 2,10), porque o temor diante deles não vem da pusilanimidade da alma, mas do conhecimento da presença dos melhores. Assim é com a aparição dos santos”.

#### **Caracteres e efeitos das aparições demoníacas**

**36.** “Mas a incursão e a aparição dos maus são perturbadoras, e acompanhadas de ruídos, rumores e gritos como de agitação de pessoas mal-educadas e de salteadores; isso produz logo terror na alma, perturbação e desordem nos pensamentos, tristeza, ódio contra os ascetas, acídia, desgosto, recordação dos parentes, temor da morte e, enfim, maus desejos, pusilanimidade para a virtude e desregramento dos costumes. Por isso, quando, à vista de alguma aparição, temeis, se o temor não for logo retirado e se, em seu lugar, não se produzirem alegria inefável, alacridade, confiança, reconforto e tranqüilidade dos pensamentos e os outros movimentos interiores que eu disse, força da alma e amor de Deus, tende coragem e orai, porque a alegria e o estado da alma testemunham a santidade daquele que se torna presente. Assim Abraão, vendo o Senhor, exultou (Jo 8,56), e João, quando a Mãe de Deus, Maria, falou, estremeceu de alegria (Lc 1,41). Mas se, quando alguns aparecem, produzem-se perturbação e ruído fora e um aparato mundano e o temor da morte e as outras coisas que eu disse, sabeis que a vinda é dos maus”.

#### **Opor aos demônios as palavras do Senhor**

**37.** “E que isto ainda vos sirva de sinal. Quando a alma continua a ter temor, a presença é dos inimigos. Porque os demônios não tiram o temor, como fez o grande arcanjo Gabriel a Maria e a Zacarias, e aquele que apareceu no túmulo às mulheres. Quando vêem que alguém tem medo, aumentam as aparições, a fim de atemorizarem mais, e chegam ao ponto de zombar, dizendo: ‘Prostrai-vos e adorai-nos’. Foi assim que enganaram os helenos. Assim foram admitidos entre estes os falsos deuses. Mas a nós, o Senhor não nos deixa ser enganados pelo diabo. Quando este fez semelhantes prestígios para tentar Jesus, ele lhe disse: ‘Vai-te, satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás’ (Mt

4,10). O que o Senhor disse, disse-o por causa de nós, a fim de que os demônios, ouvindo-o de nós, sejam expulsos pelo Senhor, que os repreendeu com essas mesmas palavras”.

#### **Não se gloriar de mandar nos demônios**

**38.** “Mas ninguém deve gloriar-se de expulsar os demônios, nem elevar-se por ter o dom de curar (os doentes). Não se deve admirar somente aquele que expulsa os demônios, e desprezar quem não os expulsa. Antes, em cada um deve-se observar a ascese e imitá-lo ou corrigir-se. Fazer milagres não depende de nós. É obra do Senhor. Ele disse aos discípulos: ‘Não vos alegréis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus’ (Lc 10,20). Que nossos nomes estejam escritos nos céus é testemunho de nossa virtude e de nossa vida, mas expulsar os demônios é dom do Salvador. Por isso, àqueles que se gloriavam não de suas virtudes, mas dos milagres e diziam: ‘Senhor, não foi em teu nome que expulsamos os demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres?’, ele respondeu: ‘Em verdade vos digo: não vos conheço’ (Mt 7,22-23; 25,12). O Senhor não conhece os caminhos dos ímpios. Devemos, portanto, orar, como eu disse, para recebermos a graça de discernir os espíritos, a fim de que, como está escrito (1Jo 4,1), não ‘acreditemos em qualquer espírito’.”

#### **Experiências pessoais de Antão**

**39.** “Queria calar-me e nada dizer do que me concerne, contentar-me com o que precede. Mas, para que não penseis que não faço mais que dizer essas coisas, para que creiais que as conto por experiência e com verdade, por isso, ainda sob o risco de ser insensato (mas o Senhor, que está ouvindo, conhece a pureza de meu coração e que falo não por mim mesmo, mas por amor de vós e por vosso projeto), as maquinações do demônio que vi, digo-as novamente. Quantas vezes me proclamaram bem-aventurado, mas os amaldiçoava em nome do Senhor. Quantas vezes me anunciaram a enchente do rio, e lhes dizia: ‘E que proveito isso vos traz?’ Às vezes, vieram ameaçadores e me cercaram como soldados armados; outras vezes, encheram a casa de cavalos, de animais ferozes e de serpentes. Quanto a mim, salmodiava: ‘Uns confiam em carros, outros em cavalos; nós, porém, invocamos o nome de Javé nosso Deus’ (Sl 19,8) e por meio das orações,

foram postos em fuga pelo Senhor. Às vezes vieram nas trevas, com aparências de luz, e disseram: ‘Viemos alumiar para ti, Antão’; eu, fechando os olhos, orava, e logo a luz dos ímpios se apagava. Alguns meses depois, vieram como que salmodiando e recitando palavras das escrituras, mas ‘eu, como o surdo, não escutava’ (Sl 37,14). Às vezes abalavam a minha cela; eu rezava, permanecendo imóvel na alma. Depois disso, voltavam, faziam ruído, assobiavam, dançavam. Como rezasse e permanecesse deitado, salmodiando comigo mesmo, logo começavam a se lamentar e chorar, como se desfalecessem; mas eu glorificava o Senhor, que quebrava sua audácia e seu furor, e fazia deles um exemplo”.

#### **Como ele repelia os demônios**

**40.** “Certa vez um demônio muito alto me apareceu e ousou dizer-me: ‘Sou o poder de Deus, sou a providência. Que queres que te conceda?’ Então soprei com mais força contra ele; tendo invocado o nome de Cristo, pus-me a bater nele, e parece-me que, de fato, bati. Ao ouvir o nome de Cristo, logo esse grande (demônio) desapareceu com todos os seus demônios. Então, quando eu jejuava, o astuto voltou sob a aparência de monge, trazendo pães, e me aconselhou, dizendo: ‘Come e cessa com esses grandes trabalhos; também tu és homem, e vais enfraquecer’. Refletindo em sua astúcia, levantei-me para orar. Ele não suportou, deixou-me e parece ter saído pela porta como fumaça. Quantas vezes, no deserto, fez aparecer ouro diante de mim, para me tentar ao menos a tocá-lo e olhá-lo. Salmodiava contra ele, e tudo desaparecia. Muitas vezes seus golpes me feriram, e eu dizia: ‘Nada me separará do amor de Cristo’ (Rm 8,35). Depois disso se bateram muito mais entre si. Não era eu que os fazia cessar e os abatia, mas o Senhor, que disse: ‘Vi satanás cair do céu como um relâmpago’ (Lc 10,18). Mas eu, meus filhos, lembrando-me da palavra do apóstolo (1Cor 4,6), apliquei isso a mim, para que aprendais a não desfalecer na ascese, a não temer as magias do diabo e de seus demônios”.

#### **Satã se queixa dos monges**

**41.** “E uma vez que me tornei insensato, narrando tudo isso, recebi também o seguinte, para vossa segurança e intrepidez. E confiai em mim, porque não minto. Certa vez alguém bateu à porta de meu mosteiro, saí e vi alguém grande e alto. Perguntei-lhe: — Quem és? — Sou Satã. — Por que

estás aqui? — Acusam-me sem motivo os monges e os outros cristãos todos, por quê? Por que me execram o tempo todo? — Por que os molestas? — Não os atormento, eles mesmos é que se perturbam. Sou fraco. Não leram eles: ‘O inimigo acabou, para sempre em ruínas, arrasaste as cidades, sua lembrança sumiu!’ (Sl 9,7). Não tenho mais lugar, nem feições, nem cidade. Agora por toda parte há cristãos e, por cúmulo, o deserto está cheio de monges. Que eles mesmos se protejam e não me amaldiçoem sem motivo. Então admirei a graça do Senhor. E disse ao diabo: ‘Tu és sempre mentiroso, nunca dizes a verdade, e, no entanto, sem queres, acabas de dizer a verdade. Cristo, quando veio, tornou-se fraco, abatido, desarmado’. Ao ouvir o nome do Salvador e não suportando a queimadura, desapareceu”.

#### **Sejamos ousados contra os demônios**

42. “Se, pois, o próprio diabo confessa que nada pode, devemos desprezá-lo totalmente, a ele e seus demônios. O inimigo com seus cães tem muitos artifícios, mas nós, tendo conhecimento de sua fraqueza, podemos desprezá-lo. Assim, não nos curvemos em espírito, não raciocinemos em nossa alma sobre suas artimanhas, não cedamos ao terror, dizendo: oxalá o demônio não venha me aterrorizar, oxalá não me arrebate e não me atire (para baixo), oxalá não irrompa e não me aterrorize! Não pensemos de forma alguma em tais coisas, não nos aflijamos como se fôssemos morrer. Encorajemo-nos e alegremo-nos sempre por sermos salvos. E meditemos em nossa alma que o Senhor está conosco, que os pôs em fuga derrotados. Refutamos, ponhamos bem no coração que, estando o Senhor conosco, os inimigos nada nos fazem, porque, quando eles vêm, tratam-nos tais como nós encontramos e adaptam suas magias aos pensamentos que encontramos em nós.

Se percebem em nós o temor e a perturbação, logo atacam como ladrões que encontram o lugar sem defesa, e fazem nossos pensamentos intensificar-se. Se nos vêem temerosos e aterrorizados, aumentam o terror por meio de suas aparições e de ameaças, e, finalmente, a alma infeliz se sente atormentada por essas coisas. Mas se nos encontram alegres no Senhor, pensando nos bens futuros, meditando em nossos corações as coisas do Senhor e refletindo que tudo está nas mãos do Senhor e que o demônio não tem força contra os cristãos e nenhum poder contra quem quer que seja

— vendo a alma tranqüila por causa de tais reflexões, eles batem vergonhosamente em retirada. Assim o inimigo, vendo Jó fortificado, dele se afastou. Mas encontrando Judas desguarnecido, dele se apoderou. De modo que, se queremos desprezar o inimigo, pensemos sempre nas coisas do Senhor, e nossa alma se alegre sempre pela esperança, e consideraremos os artifícios dos demônios como fumaça; em vez de perseguir-nos, fugirão, porque, como eu disse, são medrosos, tendo sempre a perspectiva do fogo que lhes está preparado”.

#### **Obrigemos o diabo a se declarar**

**43.** “E para não temê-los, tende convosco este sinal: quando se produz aparição, não sucumbas ao terror, mas, seja ela qual for, começa corajosamente por interrogar: ‘Quem és, de onde vens?’ Se a visão for de santos, eles te tranqüilizarão e mudarão teu temor em alegria, mas se (a visão) for diabólica, logo se enfraquecerá, vendo (o espírito) fortalecido. É sinal de ataraxia perguntar: ‘Quem és, de onde vens?’ Assim o filho de Nun aprendeu, interrogando (Is 5,13); e o inimigo não escapou a Daniel, que o interrogou” (Dn 13,51-59).

#### **Efeitos dos ensinamentos de Antão**

**44.** Ouvindo Antão discorrer assim, todos se alegravam: em uns, aumentava o amor à virtude; de outros desaparecia a pusilanimidade; em outros ainda, as opiniões errôneas eram retificadas. Persuadia a todos a desprezarem as ciladas do demônio, e cada um admirava a graça de discernimento dos espíritos concedida pelo Senhor a Antão.

Portanto na montanha havia como que tendas cheias de coros divinos de homens, cantando salmos, estudando, jejuando, orando, exultando na esperança dos bens futuros e trabalhando para dar esmolas. Entre eles reinava o amor mútuo e a concórdia. Podia-se verdadeiramente ver como que uma região à parte, de piedade e justiça. Ninguém cometia ou sofria injustiça, ninguém se queixava do coletor de impostos, uma multidão de ascetas empenhados no mesmo esforço pela virtude. Vendo os mosteiros, cada um podia exclamar: “Como são formosas tuas tendas, ó Jacó, e tuas moradas, ó Israel! Como vales que se estendem, como jardins ao lado de

um rio, como aloés que Iahweh plantou, como cedros junto às águas” (Nm 25,56).

#### **Cuidar muito da alma e muito pouco do corpo**

45. Antão, segundo seu costume, segregando-se em seu próprio mosteiro, fortalecia sua ascese. Todos os dias suspirava, pensando nas moradas do céu, desejando-as e meditando quão efêmera é a vida humana. Quando devia comer ou dormir ou cuidar de outras necessidades do corpo, sentia vergonha, pensando na parte espiritual da alma. Muitas vezes, estando para tomar a refeição com os numerosos outros monges, lembrando-se do alimento espiritual, recusava-se e se afastava, considerando vergonhoso que o vissem comendo com os outros, e ia comer retirado, por necessidade. Muitas vezes, também, comia com seus irmãos; sentia vergonha, mas se consolava, aproveitando a ocasião para palavras úteis. É necessário, dizia, aplicar todo o tempo livre à alma, não ao corpo, reservar ao corpo pouco tempo, por necessidade, mas consagrar todo o resto à alma, a procurar seu bem, para que ela não seja atraída pelas voluptuosidades do corpo, e para que o corpo seja reduzido à servidão por ela; é a recomendação do Senhor: “Não busqueis o que comer ou beber; e não vos inquieteis. Vosso Pai sabe que tendes necessidade disso. Pelo contrário, buscai o seu reino, e essas coisas vos serão acrescentadas” (Lc 12,29-31).

#### **Antão vem a Alexandria confortar os confessores e procurar o martírio**

46. Irrompeu então a perseguição de Maximino contra a Igreja. Os santos confessores foram conduzidos a Alexandria. Antão, deixando seu mosteiro, acompanhou-os, dizendo: “Combateremos, também nós, se formos chamados, ou contemplaremos aqueles que combatem”. Desejava sofrer o martírio. Mas, não querendo entregar-se a si mesmo, servia os confessores nas minas e nas prisões. Tinha grande solicitude, diante do tribunal, em exortar à coragem aqueles que eram chamados ao combate, em receber e acompanhar até o fim aqueles que davam testemunho. Vendo a intrepidez de Antão e de seus companheiros e o zelo que demonstravam, o prefeito proibiu aos monges aparecerem no tribunal e continuarem na cidade. Os outros se ocultaram. Antão, sem preocupar-se com a proibição, mandou lavar sua veste de cima e no dia seguinte se colocou bem em

evidência sob os olhos do prefeito. Ele estava à porfia. O prefeito, ao passar com sua guarda, notou-o: intrépido, demonstrava sua alegria cristã, porque, já o disse, desejava dar testemunho pelo sangue e se afligia por não conseguir fazê-lo. O Senhor o guardava para o bem dos outros, para fazer dele, na ascese que aprendera nas escrituras, mestre de grande número. Só de vê-lo viver, muitos se esforçavam para imitar sua conduta. Serviu, pois, os confessores da fé, como se estivesse preso com eles, e se consumia nesse serviço.

#### **Ascese mais estrita**

47. Quando a perseguição cessou, depois do martírio do bem-aventurado bispo Pedro, Antão partiu de Alexandria e se retirou novamente em seu mosteiro. Lá, todos os dias, era mártir pela consciência e atleta das lutas da fé. Seus exercícios eram muitos e mais rigorosos. Jejuava diariamente, usando sobre o corpo uma veste de pelos e, por cima, uma veste de pele, que guardou até o fim. Não tomava banho, sequer molhava os pés, mergulhando-os na água só por necessidade. Jamais alguém o viu nu até sua morte, quando foi necessário sepultá-lo.

#### **Antão livra do demônio a filha de um oficial**

48. Assim retirado, tendo-se fixado algum tempo a passar sem sair nem receber ninguém, Antão foi importunado por certo Martiniano, oficial, cuja filha era atormentada pelo demônio. Esse homem permaneceu longo tempo batendo à sua porta e suplicando-lhe que viesse e orasse a Deus pela menina. Antão não quis abrir-lhe, mas inclinando-se do alto, disse-lhe: “Homem, por que gritas por mim? Sou um homem como tu. Mas, se crês em Cristo, que eu adoro, vai, ora a Deus com fé, e tua súplica será ouvida”. Logo o homem acreditou, invocou a Cristo e partiu: sua filha estava purificada do demônio.

Cristo, que disse: “Pedi e vos será dado” (Mt 7,7), fez por meio de Antão muitas outras obras. A maioria dos que sofriam (e vinham) dormia fora de seu mosteiro, porque não lhes abria a porta. Eles acreditavam, oravam com ardor e eram purificados.

\*\*\*

## NOTAS

[1] Segundo testemunho de Cassiano (Instituições, livro V. cap. III), Antão teria feito de sua prática uma doutrina: “Existe antiga e admirável máxima do bem-aventurado Antão: o monge que, depois de ter levado vida cenobítica, se esforça para atingir o ápice de perfeição mais sublime e, usando a regra da discricção, já pode se ajustar a seu próprio julgamento e chegar às alturas da vida anacorética, esse monge, digo, não deve querer aprender toda espécie de virtude de um só, por mais eminente que este seja. De um, as flores da ciência são o ornamento; outro aparece armado mais fortemente de discricção; aquele outro se baseia na gravidade da paciência. Um primeiro sobressai na virtude da humildade; um segundo, na abstinência; aquele brilha pela graça da simplicidade.

Este ultrapassa o restante dos irmãos em magnanimidade; aquele, em misericórdia; outro, no amor às vigílias; um quarto, no amor ao silêncio; o último, no zelo pelo trabalho. O monge que deseja produzir mel espiritual deve, como abelha prudente, colher a flor de cada virtude junto àqueles aos quais ela é mais familiar e colocá-la diligentemente na colmeia de seu coração. Examinar o que falta a alguém? Nada disso, mas considerar somente o que ele tem de virtude, e aproveitar isso com ardor. Porque, se quisermos receber de um só todas as perfeições, não sucederá que dificilmente ou jamais encontraremos exemplos que possamos imitar?”

O autor explica então que, se as virtudes são assim, de certa forma, repartidas entre os servos de Deus, é porque Cristo ainda não é tudo em todos, como o será na eternidade, quando a perfeição de todos os eleitos será consumada. Esses modos de falar parecem pouco conformes com a doutrina certa da conexão das virtudes. Contudo, pensando bem, eles não a contradizem.

[2] Jó 40,11. Trata-se de Beemot: “Fortitudo ejus in renis ejus et virtus illius in umbilico ventris ejus” [Vê, tua força reside em teus rins, e teu vigor, nos músculos de teu ventre].

## **TERCEIRA PARTE** **(312-356)**

### **Antão, ávido de solidão, afunda no deserto interior**

**49.** Vendo-se importunado pela multidão, impedido de viver no retiro segundo suas idéias e segundo queria, e temendo orgulhar-se por causa das obras que o Senhor fazia por meio dele ou tornar-se objeto de comentários, deliberou e decidiu partir para a alta Tebaida, onde ninguém o conhecia. Munido de pães levados pelos irmãos, assentou-se na margem do rio, vigiando os barcos que passavam, a fim de embarcar num deles. Ouviu então uma voz do alto: “Para onde vais, Antão, e por quê?” Ouviu sem se perturbar, habituado a ser assim interpelado, e respondeu: “Não me deixam viver como eremita; quero ir para a alta Tebaida, a fim de evitar as freqüentes importunações, tanto mais que me pedem coisas que ultrapassam meus poderes”. A voz lhe disse: “Irias para a Tebaida, como pensas, mas até entre os bois terias de suportar faina maior e ainda dobrada. Se queres realmente ser eremita, vai para o deserto interior”. Antão replicou: “Quem me mostrará o caminho? Não o conheço”. Logo a voz lhe indicou uns sarracenos prontos para a viagem. Antão foi encontrá-los e lhes pediu o favor de segui-los ao deserto. Por disposição da Providência, aceitaram de bom grado. Viajou com eles três dias e três noites, afinal chegou a uma montanha muito alta.<sup>[3]</sup> Ao pé da montanha corria água límpida, suave e fresca. Mais longe estendia-se um planalto, onde havia palmeiras selvagens.

### **O eremitério da montanha interior**

**50.** Como que por moção divina, Antão gostou do lugar: ele o reconheceu como aquele que, na margem do rio, a voz lhe indicara. Inicialmente, provido de pães por seus companheiros, permaneceu só, absolutamente só na montanha. Considerava o lugar como sua morada. Os próprios sarracenos, admirados de seu zelo, passavam intencionalmente por lá e levavam-lhe pães com alegria. As tâmaras lhe ofereciam pequena refeição, sem muito trabalho. Quando os irmãos ficaram sabendo do lugar de seu retiro, como filhos que não esquecem o pai, cuidaram de mandar-lhe víveres. Antão percebeu que, para alguns, levar-lhe pães era fatigante e

penoso. Preocupado, até nisso, em poupar os monges, pediu a alguns de seus visitantes que lhe levassem um enxadão de duas pontas, uma machadinha e trigo. Tendo-os recebido, explorou os arredores de sua montanha, encontrou pequeno lugar apropriado, preparou-o e, tendo água em abundância para irrigar, semeou-o. No fim de um ano, teve com que fazer seu pão, feliz por não incomodar, nem ser mais pesado a ninguém. Mais tarde, como fossem a ele alguns visitantes, cultivou alguns legumes para reconfortar um pouco esses hóspedes das fadigas do caminho difícil. No começo, os animais selvagens do deserto iam beber água e muitas vezes danificavam suas sementeiras e suas culturas. Capturou amigavelmente um desses animais e disse a todos: “Por que me prejudicais? Não prejudico a nenhum de vós! Ide, e em nome do Senhor, não vos aproximeis mais daqui!” Daí em diante, como que respeitando a proibição, não foram mais.

#### **Novos assaltos do inferno**

**51.** Morava, pois, sozinho na montanha interior, dedicando-se à oração e à ascese. Os irmãos que o serviam pediram-lhe permissão para visitá-lo todos os meses e para levar-lhe azeitonas, legumes e óleo, porque ele já estava velho. As lutas que sustentou nesse lugar, “não contra a carne e o sangue, mas contra os demônios adversos”, como está escrito (Ef 6,12), nós as conhecemos por intermédio de seus visitantes: ouviam o rumor de muitas vozes e um tinido de armas; à noite, viam a montanha cheia de animais e Antão combatendo e orando contra esses inimigos, que ele via. Incutia confiança em seus visitantes; combatia de joelhos, orando ao Senhor. E era coisa verdadeiramente admirável que, sozinho nesse deserto, não tivesse medo dos demônios que o atacavam, e que, encontrando-se lá tantos quadrúpedes e tantos répteis, não temesse sua ferocidade. Como está escrito (Sl 124,1), tinha verdadeiramente confiança no Senhor como na montanha de Sião, seu espírito estava tranquilo e sem perturbação: os demônios fugiam, e os animais selvagens, como está escrito (Jó 5,23), faziam as pazes com ele.

#### **Novas vitórias de Antão**

**52.** O diabo, como canta Davi, espiava, pois, Antão e rangia os dentes contra ele. Mas, consolado pelo Senhor, permanecia incólume entre os múltiplos artifícios e as maquinações do demônio. Quando o santo velava

de noite, o diabo lhe enviava animais, e quase todas as hienas do deserto o rodeavam, com a boca aberta, ameaçando mordê-lo. Ele, no meio, conhecendo os artifícios do inimigo, dizia a todos eles: “Se recebestes poder contra mim, estou pronto a me deixar devorar; se fostes enviados pelos demônios, não espereis mais, retirai-vos sou servo de Cristo!” Ouvindo isso, fugiam; dir-se-ia que expulsos pelo açoite de suas palavras.

#### **Um demônio, na forma de animal, é posto em fuga**

**53.** Alguns dias depois, estando a trabalhar, porque tinha preocupação em fatigar-se, alguém veio à porta e puxou a corda com a qual ele tecia cestos para dar aos visitantes em troca do que lhe levavam. Levantando-se, viu um animal de aparência humana até às coxas, mas com pernas e pés parecidos com os de asno. Antão contentou-se com persignar-se e dizer: “Sou servo de Cristo. Se foste enviado contra mim, eis-me”. O animal, com seus demônios, fugiu tão rapidamente que caiu e morreu. A morte do animal significou a derrota dos demônios. Fizeram de tudo para expulsá-lo do deserto, mas em vão.

#### **A uma prece de Antão, a água jorra em pleno deserto**

**54.** Certa vez os monges lhe pediram que descesse até eles e velasse sobre eles por algum tempo. Partiu com eles. Um camelo levava pães e água, porque todo esse deserto é árido, e água potável só existia na montanha em que estava seu mosteiro. Foi de lá que tiraram água para a viagem. Na estrada, faltou a água. O calor era extremo: todos estavam em perigo. Nos arredores não encontraram água. Incapazes de continuar, deitaram-se, deixando o camelo caminhar sozinho, não tendo mais esperança em si mesmos. Vendo-os em perigo, o ancião se entristeceu e gemeu; em seguida, afastou-se um pouco, pôs-se de joelhos, estendeu as mãos e orou. Logo o Senhor fez jorrar água no mesmo lugar em que ele estava orando. Todos beberam e se refizeram. Tendo enchido os odres, foram procurar o camelo, acharam-no parado — a corda à qual estava preso tinha-se enrolado numa pedra, mantendo-o parado. Levaram-no até a fonte, fizeram-no beber e terminaram a viagem sãos e salvos. Quando Antão chegou aos mosteiros exteriores, todos os monges, que o consideravam como pai, o abraçaram. Ele, como se lhes tivesse levado viáticos da montanha, tratava-os como hóspedes e com eles repartia a riqueza de sua

experiência. Assim, reanimou ele nas montanhas a alegria, o ardor no progresso e a consolação da confiança mútua. Antão se rejubilou também por constatar a alegria dos monges e por encontrar sua irmã, envelhecida na virgindade, na direção de outras virgens.

#### **Conselhos espirituais do solitário a seus visitantes**

55. Depois de alguns dias, voltou para a montanha (interior). Daí em diante muitos visitantes e doentes foram a ele. Sempre exortava todos os monges que lá iam, e eis o que lhes recomendava: crer no Senhor e amá-lo, guardar-se dos pensamentos impuros e dos prazeres carnis, e, como está escrito no livro dos Provérbios (Pr 24,15), não deixar-se desviar por um ventre saciado, fugir da vanglória e orar sem cessar, salmodiar antes de deitar e ao levantar, imprimir (na alma) os preceitos das escrituras e lembrar-se das ações dos santos, para pôr em uníssono com seu zelo uma alma sempre atenta aos mandamentos divinos. Aconselhava sobretudo a meditar continuamente na palavra do apóstolo: “ ‘Não se ponha o sol sobre a vossa ira’ (Ef 4,26). Devemos pensar, explicava, que isso se aplica a todos os mandamentos. O sol não deve pôr-se nem sobre a vossa ira, nem sobre nenhuma falta. É belo e necessário que o sol não nos condene por um pecado do dia, nem a lua por um pecado ou pensamento da noite. Para nos fazer entender e guardar essa palavra, o apóstolo diz: ‘Julgai e provai a vós mesmos’ (2Cor 13,5). Que cada um pense em suas ações do dia e da noite: se pecou, cesse de pecar; se não pecou, não se glorie, mas persevere no bem; não descuide de si e não condene o próximo, nem se justifique até que, como diz o bem-aventurado apóstolo Paulo, Venha o Senhor, o qual julga as coisas ocultas’ (1Cor 4,5; Rm 2,16). Com efeito, muitas vezes o que fazemos permanece oculto a nós mesmos. Não o sabemos, mas o Senhor observa tudo. Deixemos-lhe, pois, o julgamento, compadeçamo-nos uns dos outros e carreguemos os fardos uns dos outros. Julguemos a nós mesmos e tentemos preencher nossas lacunas. Eis uma coisa a observar para evitar o pecado. Anotemos e escrevamos, cada um, as ações e os movimentos de nossa alma como que para no-los comunicar mutuamente, e estejamos certos de que, pela vergonha de vê-los conhecidos, cessaremos de pecar e de ter no coração algo de perverso. Porque quem é que, quando peca, consente em ser visto, ou quem é que, quando peca, não prefere mentir, para ocultar sua falta? Ninguém fornicaria diante de testemunhas. Igualmente, escrevendo nossos pensamentos como se devêssemos no-los

comunicar mutuamente, guardar-nos-emos melhor dos pensamentos impuros, pela vergonha de vê-los conhecidos. Que a Escritura substitua os olhares dos companheiros de ascese: corando tanto por escrevermos como por sermos vistos, guardemo-nos de todo pensamento mau. Disciplinando-nos desse modo, poderemos reduzir o corpo à servidão e frustrar os ardis do inimigo”.

#### **Atendido ou não em sua oração pelos outros, Antão rende graças a Deus**

**56.** Eis o que prescrevia a seus visitantes. Compadecia-se dos que sofriam e com eles orava. Em muitos casos o Senhor o ouviu: atendido, ele não se gloriava; não atendido, não murmurava. Sempre dava graças ao Senhor. Exorta os doentes a terem ânimo e lhes lembra que curar não pertence nem a ele nem a ninguém, mas está reservado a Deus, que o faz quando quer e a quem quer. Como a cura, os doentes recebiam também as palavras do ancião e aprendiam a não se abandonarem (ao desespero), mas a se encorajarem; os curados aprendiam a dar graças, não a Antão, mas a Deus somente.

#### **Cura de Frontão**

**57.** Certo homem chamado Frontão, membro da Corte (de Justiça), sofria de terrível mal. Dilacerava sua língua com os dentes e estava ameaçado de perder a vida. Foi à montanha e suplicou a Antão que orasse por ele. Antão orou e lhe disse: “Vai e sejas curado”. Frontão se recusou a partir e permaneceu lá alguns dias. Antão insistiu: “Se permaneceres aqui, não poderás sarar. Vai. Chegando ao Egito, verás o sinal realizado em ti”. Frontão acreditou, partiu e, logo que avistou o Egito, ficou livre de seu mal e tornou-se novamente são, segundo a palavra de Antão, que, em oração, soube pelo Salvador (que o milagre se realizara).

#### **Menina curada a distância**

**58.** Certa menina, de Busíris, na Tripolitânia, sofria de horrível mal. Suas lágrimas, o muco e os humores que escorriam do nariz e dos ouvidos, ao caírem na terra, logo se tornavam vermes. Estava paralisada e tinha uma deformação nos olhos. Seus pais, ao saberem que alguns monges estavam de partida para o mosteiro de Antão, pediram-lhes permissão para acompanhá-los com a filha. Eles ficaram, com a menina, fora da montanha,

na casa de Pafnúcio, o monge confessor. Os monges entraram na morada de Antão. Quando iam falar da menina, Antão se antecipou e explicou o mal dela. Então pediram permissão para que os pais viessem com ela. Ele não permitiu, mas disse: “Voltai, se ela não estiver morta, encontrá-la-eis curada. Não tenho esse poder de curar, para permitir que ela venha a mim, miserável. Curar é obra do Salvador, em todo lugar ele usa de misericórdia para com aqueles que o invocam. O Senhor ouviu a minha oração e me mostrou seu amor aos homens, revelando-me que curará a menina enquanto ela lá está”. De fato, o milagre se realizou. Os monges encontraram os pais alegres, a menina fora curada naquele momento.

#### **Antão envia socorro a um irmão que estava morrendo de sede no deserto**

**59.** Dois irmãos iam vê-lo. Enquanto iam, faltou água, e um deles morreu. O outro estava para morrer. Esgotado, deitado na terra, esperava a morte. Antão, assentado em sua montanha, chamou dois irmãos que lá se achavam e lhes disse: “Tomai uma bilha com água e parti apressadamente pelo caminho do Egito: vinham dois irmãos, um já está morto e o outro morrerá, se não vos apressardes. Acabo de receber essa revelação na oração”. Os monges partiram, encontraram o morto, enterraram-no, reconfortaram o sedento, fazendo-o beber e o conduziram ao ancião. A distância era de um dia de marcha. Talvez alguém se pergunte: por que não disse isso antes que o primeiro morresse? Isso não teria razão. Não cabia a Antão decretar a morte. Esta cabe a Deus, que decidiu assim para um e revelou (a Antão) o perigo do outro. Admirável é que, estando assentado na montanha, seu coração velava e o Senhor lhe mostrou o que se passava longe.

#### **Ele vê subir ao céu a alma de Amun, o nitriota**

**60.** Outra vez, assentado em sua montanha, levantou os olhos e viu no ar um homem sendo levado para o céu e outros vindo ao encontro dele com grande alegria. Maravilhado, glorificando esse coro, quis saber o que era aquilo. Logo chegou até ele uma voz, dizendo que era a alma de Amun, o monge de Nitria. Ora, da Nitria à montanha de Antão são treze dias de marcha. Os companheiros do ancião, vendo-o tocado de admiração, quiseram saber a causa; disse-lhes que Amun morrera. Conheciam Amun, porque este viera freqüentemente e fizera vários milagres. Eis um:

Certa vez, devendo atravessar o rio Lico, no tempo da cheia, pediu ele a Teodoro, que o acompanhava, que se afastasse, a fim de não se verem nus, atravessando a nado. Teodoro se afastou. Amun teve o pudor e o cuidado de não se olhar sem roupa. Subitamente estava ele na outra margem. Alcançando-o, o piedoso Teodoro verificou que ele tomara aquela dianteira e não estava molhado, perguntou-lhe então como atravessara. Amun não quis dizer nada. Teodoro se agarrou aos seus pés e disse que não os soltaria antes de saber. Diante de desejo tão ardente e, sobretudo, de tais palavras, Amun pediu a Teodoro que não contasse nada antes de sua morte e lhe confiou que fora transportado de uma margem à outra sem caminhar sobre as águas, que isso era coisa humanamente impossível, possível só a Deus e àqueles aos quais ele concede esse favor, como fez com o grande apóstolo Pedro. Teodoro fez essa narração depois da morte de Amun.

Os monges aos quais Antão revelou essa morte anotaram a data, e, trinta dias mais tarde, tendo chegado alguns irmãos da Nitria, informaram-se com eles e ficaram sabendo que efetivamente Amun adormecera no dia e na hora em que o ancião vira sua alma ser levada ao céu. Uns e outros admiraram a pureza de Antão, que, a uma distância de treze dias, conheceu essa morte sem intermediário e viu a alma sendo levada.

#### **Cura a distância da virgem Policrécia**

**61.** Encontrando-se o conde Arquelau na montanha exterior, pediu a ele que se dignasse orar por Policrécia, virgem da Laodicéia, de virtude admirável e portadora de Cristo. Ela sofria terrivelmente do estômago e do lado, em conseqüência de austeridades muito grandes, e estava bem enfraquecida. Antão orou. O conde anotou o momento. (Mais tarde) informou-se do dia e da hora que Policrécia fora curada. Levou o papel com a anotação da data. Informado, mostrou o que escrevera. Todos ficaram admirados ao saberem que o Senhor aliviara a doente de seus males no momento em que Antão orou e implorou por ela a bondade do Senhor.

#### **Doentes e possessos recorrem a Antão**

**62.** Muitas vezes anunciava visitantes e o motivo de sua vinda vários dias antes, às vezes até com um mês de antecedência. Uns vinham somente para vê-lo, outros, porque doentes ou atormentados pelos demônios. Não

consideravam faina nem pena a fadiga de viagem cujo proveito cada um verificava na volta. E ele, agraciado com essas profecias e visões, pedia que ninguém o admirasse, que admirasse, antes, o Senhor, que concede a nós, homens, a graça de conhecê-lo segundo nossas forças.

**Durante viagem de barco, Antão livra um possesso**

**63.** Outra vez, descendo aos mosteiros exteriores, foi convidado a subir num barco e a orar com os monges. Somente ele sentiu horrível odor muito penetrante. As pessoas a bordo diziam que o barco transportava peixe e produtos salgados, donde o odor. Ele dizia que o odor era outro. Enquanto ainda falava, um jovem, possesso do demônio, que subira antes no navio e se mantinha oculto, deu um grito. Conjurado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, o demônio saiu, e o homem ficou curado. Todos reconheceram então que o mau cheiro vinha dele.

**Levam-lhe possesso furioso, ele o cura**

**64.** Veio a ele outro homem, de família ilustre, possesso de demônio tão terrível que o energúmeno ignorava que estivesse perto de Antão e comia os próprios excrementos. As pessoas que o levaram pediam a Antão que intercedesse por ele. Cheio de simpatia por esse jovem, Antão orou e passou toda a noite velando com ele. Subitamente, ao despontar da aurora, o jovem se atira sobre Antão e o ataca. Seus companheiros se indignaram. Antão lhes disse: “Não vos irriteis contra esse jovem. Não é ele quem faz isso, mas o demônio que o domina. Amaldiçoei esse demônio e lhe ordenei que fugisse para lugares áridos. Ele o fez enfurecido. Glorificai, pois, o Senhor. O fato de o jovem ter-se atirado contra mim é para vós sinal de que o demônio saiu”. A essas palavras de Antão, o jovem ficou são, voltou a ser bem comportado como antes e abraçou o ancião, dando graças a Deus.

**Antão, em êxtase, se vê morto. Defendem-no os anjos contra os demônios**

**65.** Os numerosos monges atestavam a uma só voz muitas outras belas coisas. Não tão admiráveis, aliás, que outras não o possam ser ainda mais. Certo dia, antes da refeição, estando de pé para orar, pela nona hora, viu-se arrebatado em espírito. Coisa espantosa, de pé, viu-se fora de si como que conduzido através dos ares por algumas pessoas, em seguida viu outras, amargas e cruéis, de pé no ar e querendo impedi-lo de subir. Defendendo-o

seus condutores, os outros perguntaram se lhes estava sujeito e quiseram fazê-lo prestar contas desde seu nascimento. Os guias de Antão se opuseram, dizendo aos adversários: “O Senhor perdoou as faltas cometidas desde seu nascimento, podeis pedir-lhe contas das que cometeu depois que se fez monge e se consagrou ao Senhor”. Os adversários o acusavam, mas nada podiam provar. A rota ficou livre e sem obstáculos. Antão se viu então voltar, de pé diante de si, e de novo ele mesmo. Esquecendo a comida, passou o resto do dia e a noite em gemidos e na oração. Admirava por quais lutas e fadigas é necessário passar para atravessar os ares, e se lembrava do que diz o apóstolo sobre o “príncipe do poder do ar” (Ef 2,2). O inimigo tem o poder de combater e impedir aqueles que sobem através (dos ares).

Antão fazia, portanto, esta exortação principalmente: “Por isso deveis vestir a armadura de Deus, para poderdes resistir aos dias maus, para que o adversário fique confuso, não tendo nenhum (mal) que dizer contra nós” (Ef 6,13; Tt 2,8). Nós, que aprendemos isso, lembremo-nos do texto do Apóstolo: “Se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe” (2Cor 12,2). Mas Paulo foi arrebatado até o terceiro céu, e tendo ouvido palavras inefáveis, desceu. Antão se viu subir no ar e combater até que o caminho aparecesse livre.

#### **Visão do gigante infernal e da passagem das almas**

**66.** Tinha ainda este carisma: quando estava assentado, sozinho, em sua montanha, se tivesse alguma dificuldade ou procurasse alguma coisa fora dele, orava e recebia da Providência a revelação. O bem-aventurado se tornara teodidata, como diz a escritura. Mais tarde, teve uma controvérsia com alguns visitantes sobre a passagem e a morada da alma depois da morte. Na noite seguinte, alguém o chamou do alto: “Antão, levanta-te e olha”. Ele saiu, porque sabia a quem devia obedecer. Levantando os olhos, viu um ser gigantesco, horroroso, temível, de pé e atingindo as nuvens. Outros seres, que pareciam alados, subiam. O gigante estendia as mãos e impedia alguns; os outros, voando acima, atravessavam e eram conduzidos para o alto, sem serem inquietados. Para esses últimos, o gigante rangia os dentes; quanto aos outros, alegrava-se de vê-los cair. Logo Antão ouviu uma voz: “Compreendes o que vêes”. Seu espírito foi aberto: compreendeu que era a passagem das almas e o gigante de pé era o inimigo, que tem inveja dos fiéis e reina sobre aqueles que a ele se submeteram e os impede

de passar, mas não domina de cima aqueles que não se deixaram persuadir por ele. Avisado por essa nova visão, lutava sempre mais para progredir cada dia. Não foi de boa vontade que falou dessas coisas. Como demorasse na oração e admirasse o que vira, seus companheiros indagaram e o atormentaram. Teve de se explicar como um pai que não pode ocultar nada aos filhos. Conhecia a pureza de intenção deles e sabia da utilidade de narração que mostra os bons frutos da ascese, sabia também que muitas vezes as visões são a consolação dos trabalhos.<sup>[4]</sup>

### **Respeito de Antão pelo clero**

67. Além disso, era muito paciente e de alma humilde. Ele, tão grande, respeitava extremamente a lei da Igreja. Queria que todo o clero tivesse precedência sobre ele. Não temia inclinar a cabeça diante dos bispos e dos sacerdotes. Se um diácono vinha edificar-se junto dele, dizia-lhe o que era necessário para sua edificação; mas, no que concerne à oração, dava-lhe a precedência, não se envergonhando em aprender dele, por sua vez. Interrogava muitas vezes, queria ouvir seus companheiros e reconhecia o proveito em aprender deles coisas úteis. Seu semblante tinha grande e admirável graça. O Salvador lhe fizera ainda este favor: quando estava entre a multidão dos monges, se alguém que ainda não o conhecia queria vê-lo, este deixava todos os outros à chegada de Antão e corria para ele como que atraído por seus olhos. Não se distinguia dos outros nem pela altura nem pela corpulência, mas pela composição dos costumes e pela pureza da alma. Como sua alma estava em paz, seus sentidos exteriores também estavam tranquilos; os movimentos de seu corpo davam a impressão e a ideia do estado de seu coração, segundo a palavra da Escritura: "Um coração alegre deixa o semblante sereno, o coração triste abate o espírito" (Pr 15,13). Foi assim que Jacó conheceu que Labão meditava uma cilada contra ele e disse às suas esposas: "Vejo que o semblante de vosso pai não me trata como antes" (Gn 31,50). Assim Samuel conheceu Davi (1Sm 16,12; 17,42), cujos olhos davam alegria e cujos dentes eram brancos como o leite.<sup>[5]</sup> Eis como se reconhecia Antão: nunca estava perturbado, sua alma era serena; nunca estava triste, seu espírito era alegre.

### **Horror de Antão ao cisma e à heresia**

**68.** Admiráveis eram sua fé e sua piedade. Nunca se relacionou com os melecianos cismáticos, cujas malícia e defecção discerniu desde o começo; não teve nenhuma relação de amizade com os maniqueus ou com os hereges, a não ser para exortá-los a se converterem à piedade; pensava e declarava que a amizade e o relacionamento com os hereges fazem mal à alma e a arruinam. Abominava a heresia ariana e proibia a todos de se aproximarem deles e de seguir sua fé pervertida. Algumas pessoas, vítimas das ilusões de Ario, vieram a ele; tendo conhecido sua impiedade, expulsou-as de sua montanha, dizendo que suas palavras eram piores que o veneno das serpentes.

**A pedido dos bispos, vem a Alexandria refutar os arianos**

**69.** Os arianos pretenderam falsamente que Antão pensava como eles. Indignou-se e se irritou contra eles. Então, a pedido dos bispos e de todos os irmãos, desceu da montanha e veio a Alexandria para condenar os arianos, dizendo que a sua heresia era a última e a precursora do anticristo. Ensinou também ao povo que o Filho de Deus não é criatura e que não foi tirado do nada, que ele é o Verbo eterno e a Sabedoria da substância do Pai. Por isso é impiedade dizer: houve tempo em que ele não existia. Ele estava sempre com o Pai. Não tendes, pois, nenhum contato com os arianos, muito ímpios. “ ‘Que há de comum entre a luz e as trevas?’ (2Cor 6,14). Vós, que pensais piedosamente, sois cristãos, mas eles, que dizem que o Filho de Deus, que procede do Pai, é criatura, não diferem em nada dos pagãos, que adoram a criatura em lugar de Deus criador. Crede que toda a criação se indigna contra eles, porque colocam entre as coisas feitas o Criador e Senhor de tudo, no qual tudo foi feito”.

**É objeto de veneração universal**

**70.** Todo o povo se alegrava ao ouvir esse homem condenar a heresia que combate o Cristo. Toda a cidade acorria para vê-lo. Os próprios helenos e até aqueles que eles chamam sacerdotes vinham à casa do Senhor e diziam: “Pedimos permissão para ver o homem de Deus”, porque todos o chamavam assim. Em Alexandria mesmo, o Senhor purificou por meio dele muitos possessos e curou aqueles que tinham o espírito atingido. Muitos helenos pediam permissão para somente tocarem o ancião, esperando serem ajudados. Houve certamente tantas pessoas que se fizeram cristãos nesses

poucos dias quantas foram as conversões em um ano. Alguns, temendo que a multidão o perturbasse, queriam afastar dele todos. Não se perturbava e dizia: “Os homens não importunam mais que os demônios com os quais lutamos na montanha”.

#### **Ao sair da cidade, cura menina possessa**

71. Quando partiu, nós o acompanhamos em sinal de consideração. Ao chegarmos à porta da cidade, uma mulher gritou atrás de nós: “Espera, homem de Deus, minha filha é cruelmente atormentada por um demônio. Espera, eu te peço, para que eu não me ponha em perigo correndo atrás de ti”. Ouvindo isso e a pedidos nossos, deteve-se de boa vontade. Quando a mulher já estava bem perto, a menina foi atirada por terra. Antão orou e invocou o nome de Cristo. A menina se levantou curada, o espírito impuro havia partido. A mãe bendisse a Deus, todos lhe deram graças, e ele (Antão) voltou com alegria para a montanha como se fosse para sua casa.”

#### **Colóquio com dois filósofos**

72. Antão era extremamente ponderado. Coisa admirável, sem ter aprendido as letras, compreendia e penetrava tudo. Um dia, dois filósofos helenos vieram vê-lo, crendo poder embarcá-lo. Estava na montanha exterior. Pela aparência, soube com quem devia lidar e disse por intérprete: “Por que tanto vos afadigais, ó sábios, para visitardes um ignorante?” Responderam que não o tinham por ignorante, mas por muito ponderado. Disse-lhes: “Se viestes ver um ignorante, vossa fadiga é vã, mas se me considerais ponderado, tornai-vos o que eu sou, porque deve-se imitar o bem. Se eu fosse a vós, eu vos imitaria... Como sois vós que vindes a mim, tornai-vos como eu, que sou cristão”. Os visitantes se retiraram admirados, porque viam Antão temido até pelos demônios.

#### **O espírito, anterior às letras**

73. Outras pessoas da mesma espécie vieram vê-lo na montanha exterior, pensando rir dele, que não aprendera as letras. Antão lhes disse: “Respondei-me, que coisa é anterior, o espírito ou as letras? Qual das duas coisas é causa da outra: o espírito, das letras, ou as letras, do espírito?” “O espírito, responderam eles, é que é anterior e inventa as letras”. “Então, replicou ele, para quem é são de espírito, as letras não são indispensáveis”.

Essa resposta surpreendeu os assistentes e visitantes. Estes partiram cheios de admiração por terem encontrado num iletrado julgamento tão elevado. Não tinha os costumes rudes de homem criado e envelhecido na montanha, mas era afável e cortês. Sua linguagem era temperada com sal divino, de modo que ninguém tinha inveja dele, ao contrário, todos os que vinham a ele ficavam maravilhados.

#### **Antão, apologista: defesa da cruz e ofensiva contra o paganismo**

74. Mais tarde, outros daqueles que, entre os helenos, passam por sábios vieram pedir explicações de nossa fé em Cristo. Começaram argumentando sobre a pregação da divina cruz e zombando. Antão se conteve um pouco, tendo compaixão da ignorância deles, depois disse-lhes por meio de intérprete que traduzia bem suas palavras: “Que é mais belo: confessar a cruz ou atribuir a vossos pretensos deuses adultérios e perversões homossexuais? Nossa doutrina é testemunho de força e de desprezo da morte. As vossas são as paixões da luxúria. E que é melhor: dizer que o Verbo de Deus não mudou, mas, permanecendo o mesmo, para salvar os homens e fazer-lhes o bem, tomou corpo de homem e se uniu à natureza humana para fazer os homens participarem da natureza divina e espiritual? Ou assemelhar o divino aos seres sem razão e, por conseqüência, adorar os quadrúpedes e os répteis, e as imagens de homem, porque são esses os objetos de veneração de vossos sábios? Como tendes a audácia de zombar de nós, que dizemos que Cristo se manifestou como homem, quando vós, tirando a alma do céu, dizeis que ela errou e das alturas dos céus caiu no corpo? Mais: se ela tivesse caído só no corpo humano e não passasse, não cairia nos quadrúpedes e nos répteis! Nossa fé atesta que a vinda de Cristo foi para a salvação dos homens. Vós errais em vossas teorias sobre a alma ingerada. Nós pensamos no poder da Providência e em seu amor aos homens, porque isso não seria impossível a Deus. Fazendo da alma a imagem do Nous,<sup>[6]</sup> vós lhe atribuíis quedas e a pretendeis sujeita à mudança e, finalmente, em razão da alma, afirmais que o próprio Nous é mutável! Com efeito, tal a imagem, tal deve ser necessariamente aquele do qual ela é imagem. Tendo tais idéias sobre o Nous, considerai que blasfemais o Pai do Nous”.

#### **Os milagres de Cristo**

75. “No que diz respeito à cruz, que pensais ser melhor: suportar a cruz, em consequência das maquinações dos maus e não temer nenhuma morte imposta, ou fazer a narração fabulosa das vicissitudes de Osíris e Ísis, dos estratagemas de Tifão e da fuga de Cronos, dos filhos devorados e dos parricídios? Porque é essa a vossa sabedoria. E como, zombando da cruz, não admirais a ressurreição? Porque os mesmos que ensinam uma, ensinam também a outra. Ou por que, lembrando-vos da cruz, guardais silêncio sobre os mortos ressuscitados, os cegos que recobriram a vista, os paráliticos curados, os leprosos purificados, a respeito da caminhada sobre o mar e a respeito dos outros sinais e prodígios, que mostram que Cristo não é somente homem, mas também Deus? Parece-me que vos enganais a vós mesmos e que não fizestes leitura sincera de nossas Escrituras: lede-as com freqüência e verificareis que as obras de Cristo testemunham que ele é Deus e veio para a salvação dos homens”.

#### **O alegorismo não legitima o politeísmo**

76. “Vós, por vossa vez, expõe-nos vossas doutrinas. Que diríeis dos seres sem razão, senão coisas desarrazoadas e atrozes? Pretendeis que se trata de mitos, que designais a terra pelo arrebatamento de Prosérpina; o fogo, pela claudicação de Vulcano; o ar, por Juno; o sol por Apoio; a lua, por Diana; e o mar, por Netuno? Nesse caso, servis não a Deus, mas a uma criatura em lugar de Deus, criador de tudo. Se dizeis que formastes esses mitos para exprimir que a criação é bela, seria necessário ir até à admiração, não até à divinização das coisas criadas, a fim de não lhes atribuídes a honra devida ao Criador. Do contrário, seria o caso de transferirmos a honra do arquiteto para a casa que ele fez, ou a do general para o soldado. Que respondeis a isso? Dizei-o, para que saibamos se a cruz é coisa derrisória”.

#### **Raciocínios humanos e fé cristã**

77. Os visitantes, embaraçados, se viravam de um lado para o outro. Sorrindo, Antão continuou por meio do intérprete: “Essas doutrinas se refutam à primeira vista, mas, como vos apoiais principalmente em raciocínios, sois fortes nessa arte e quereis que não adoremos a Deus sem discursos demonstrativos, dizei-nos, em primeiro lugar: as realidades e sobretudo o conhecimento de Deus, como são eles discernidos com exatidão: por demonstração, discurso, ou pela energia da fé? Qual é mais

antiga, a fé ativa ou a demonstração pelo discurso?” Responderam: “A fé atuante é mais antiga, é ela que é o conhecimento exato”. Antão respondeu: “Dissestes bem, porque a fé nasce da disposição íntima da alma; e a dialética, da arte dos autores. Para aquele, pois, no qual está presente a energia da fé, a demonstração não é necessária e pode até ser supérflua, porque o que nós temos pela fé vós diligenciais estabelecer por discurso, e muitas vezes nem podeis exprimir o que cremos. A energia da fé é, pois, melhor e mais firme que vossos raciocínios sofisticados”.

### **Triunfo da fé**

**78.** “Portanto, nós, cristãos, temos o mistério não em sabedoria de discursos helênicos, mas em virtude da fé concedida a nós da parte de Deus por Jesus Cristo. E que o nosso discurso é verdadeiro, eis a prova. Sem termos aprendido as letras, nós cremos em Deus, tendo reconhecido pelas obras sua providência universal. Nossa fé é eficaz: a prova é que, apoiando-nos em nossa fé em Cristo, e vós, em vossas logomaquias sofisticadas, vossos ídolos monstruosos são aniquilados, e a nossa fé se propaga em toda parte. Vossos raciocínios e sofismas não persuadem ninguém a se converter do cristianismo para o helenismo, e nós, ensinando a fé em Cristo, desmantelamos a vossa superstição, porque todos reconhecem que Cristo é Deus e Filho de Deus. E vossa eloquência não impede o ensinamento de Cristo. Com o nome de Cristo crucificado, pomos em fuga os demônios, que vós temeis como deuses. Onde se faz o sinal-da-cruz, a magia cede, e os venefícios não agem mais.”

**Oficialmente protegido, o paganismo desmorona. Perseguido, o cristianismo se difunde por toda a parte**

**79.** “Dizei-me: onde estão agora vossos oráculos, os encantamentos dos egípcios, as magias dos magos? Quando tudo isso perdeu sua força, senão quando apareceu a cruz de Cristo? É ele que é digno de zombaria ou as coisas por ele abolidas e demonstradas fracas?”

Ainda há algo admirável. Vossas superstições não foram perseguidas, mas honradas pelos homens em todas as cidades. Os cristãos foram perseguidos. E a nossa fé floresceu mais que a vossa, ela se dilata. Vossa religião é celebrada, mas periclita. A fé e a doutrina de Cristo, das quais vós

zombais, frequentemente perseguidas pelos imperadores, encheram a terra habitada. Quando, pois, brilhou igualmente o conhecimento de Deus, a sabedoria e a virtude da virgindade, quando a morte foi tão desprezada, senão quando apareceu a cruz de Cristo? Quem vê os mártires desprezar a morte por Cristo, quem vê as virgens da Igreja guardar, por Cristo, seu corpo puro e intato não duvida disso”.

#### **O argumento apologético do milagre**

**80.** “Esses sinais são suficientes para mostrar que a fé em Cristo é a verdadeira religião. Vós estais no auge da incredulidade, procurando raciocínios e discursos; quanto a nós, não é com ‘a persuasiva linguagem da sabedoria (1Cor 2,4) grega que demonstramos. Persuadimos pela fé, que põe abaixo a armadura dos discursos. Há aqui pessoas posses das demônios (vieram a ele algumas pessoas atormentadas pelos demônios, levou-as para o meio e disse): purificai-as por meio de vossos raciocínios ou pela arte que quiserdes, ou por magia, invocando os vossos ídolos. Ou, se não o podeis, cessai de lutar contra nós e vereis o poder da cruz de Cristo”. Ditas essas palavras, invocou a Cristo e fez o sinal-da-cruz sobre os doentes, duas e três vezes. Logo esses homens se levantaram ilesos, em plena posse de si mesmos e dando graças a Deus. Nossos filósofos ficaram admirados, verdadeiramente estupefatos com a sabedoria do homem e com o milagre realizado. Antão acrescentou: “Por que vos espantais? Não somos nós que fazemos essas coisas. É Cristo que as faz por meio daqueles que nele crêem. Crede, pois, também vós, e vereis que entre nós não é a arte da palavra, mas a fé pelo amor que age em Cristo. Se obtiverdes essa fé, não procurareis mais as demonstrações por discursos, mas pensareis que a fé em Cristo basta”. Assim falou Antão. Os visitantes, admirando-o até nisso, se despediram, abraçando-o e reconhecendo terem recebido proveito dele.

#### **Cartas imperiais e resposta de Antão**

**81.** O renome de Antão chegou até os imperadores. Tendo tomado conhecimento dessas coisas, Constantino Augusto, Constâncio Augusto e Constante Augusto lhe escreveram como a um pai, pedindo-lhe que lhes respondesse. Não apreciou muito essas cartas imperiais, nem sentiu alegria com elas, mas permaneceu o mesmo que antes de tê-las recebido. Quando lhe foram levadas, chamou os monges e disse: “Não vos surpreendais que o

imperador nos escreva, ele era um homem; admirai, antes, que Deus tenha escrito uma lei para os homens e nos tenha falado por seu próprio Filho”. Não queria receber as cartas, dizendo que não saberia responder a elas. Mas seus monges o incitaram a recebê-las, porque, sendo cristãos, os imperadores não convinha escandalizá-los com recusa; então aceitou que lhe lessem as cartas. Em sua resposta felicitou seus correspondentes por adorarem a Cristo e deu-lhes conselhos para sua salvação: não deviam dar muita importância às coisas presentes, pensar no julgamento; só Cristo é rei verdadeiro e eterno; recomendou-lhes que amassem os homens, observassem a justiça e cuidassem dos pobres. Os príncipes receberam com alegria suas cartas. Assim era ele querido de todos. Cada um queria tê-lo como pai.

#### **Visão profética das violências arianas**

**82.** É assim que era conhecido, que respondia àqueles que se dirigiam a ele. Voltando à sua montanha interior, entregou-se à sua ascese habitual. Muitas vezes, estando com seus visitantes, sentado ou andando, guardava silêncio, como está escrito em Daniel (Dn 4,16). Depois de alguns momentos, retomava o colóquio com os irmãos presentes junto dele. Seus companheiros percebiam que tivera uma visão. Muitas vezes, estando na montanha, via o que se passava no Egito e o explicava ao bispo Serapião, que, vindo ao interior, via-o absorvido em sua visão. Às vezes, trabalhando sentado, o ancião entrava como que em êxtase e, na visão, suspirava muito. Depois de algum tempo, voltava-se para os assistentes, suspirava, punha-se a tremer, orava, dobrava os joelhos e permanecia assim muito tempo.

Tomados de tremor e temor, os assistentes o interrogavam e o pressionavam instantaneamente. Forçado, respondia, depois de grandes suspiros: “Meus filhos, seria melhor morrer antes que aconteça o que vi...” Interrogavam-no cada vez mais. Chorou e disse: “A cólera se prepara para cair sobre a Igreja, que está prestes a ser entregue a animais ferozes; vi o altar do santuário e, de todos os lados, mulas lançando contra seu interior patadas desordenadas como fazem os animais recalcitrantes e cabriolantes. Em todo caso, notastes que eu suspirava. Ouvi uma voz, que dizia: ‘Meu altar será conspurcado’ ”. Assim falou o ancião. Dois anos depois, deu-se a irrupção dos arianos que sofremos atualmente e o saque das igrejas. Roubaram os vasos sagrados e os deram a pagãos convidados a virem de

suas lojas e se juntarem a eles; à presença deles fizeram na mesa sagrada tudo o que lhes passou pela cabeça. Reconhecemos então, todos nós, que as patadas das mulas anunciavam a Antão as atuais violências dos arianos. Quando teve essa visão, consolou os presentes, dizendo-lhes: “Não vos desencorajeis, meus filhos; como o Senhor se irritou, assim também curará; a Igreja recobrará logo seu esplendor e seu brilho habituais; vereis os perseguidos voltar, e a impiedade bater novamente em retirada para seus esconderijos, e a fé e a piedade verdadeiras exprimindo-se por toda parte com plena liberdade e franqueza. Apenas uma recomendação: não vos comprometais com os arianos; seus ensinamentos não vêm dos apóstolos, mas dos demônios e do pai dos demônios, o diabo, estéril e absurdo, desviado em pensamentos como mulas violentas”.

#### **Milagres de Antão, cumprimento das promessas de Jesus**

**83.** Tais são as gestas de Antão. Não devemos recusar-nos a crer em tantas maravilhas. Com efeito, o Salvador prometeu: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível (Mt 17,20). Em verdade, em verdade, vos digo: o que pedirdes ao Pai, ele vos dará em meu nome... pedi e recebereis” (Jo 16,23-24). Ele mesmo disse a seus discípulos e a todos os que nele crêem: “Curai dos doentes... expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10,8).

**A oração obtém o milagre. Solicitado, Antão vem em ajuda do próximo e apressadamente volta para seu eremitério**

**84.** Antão curava, pois, não dando ordem, mas pela oração, pela invocação do nome de Cristo; era manifesto a todos que não era ele que agia, e sim o Senhor, o qual, por meio dele, exercia seu amor aos homens e curava os que sofriam. O mérito de Antão estava na oração e na ascese. Para isso, residia na montanha, alegrava-se contemplando as coisas divinas e se afligia ao ser assediado por muitos e arrastado por eles para a montanha exterior. Porque inclusive os juízes lhe pediam que descesse da montanha, por não poderem ir até ele com aqueles que ele devia julgar. Pediam-lhe que viesse simplesmente para vê-lo. Recusava-se e evitava vir. Insistiam e enviavam os réus, guardados por soldados, esperando que, por amor deles, ele descesse. Sofrendo também violência vendo-os chorar, vinha para a

montanha exterior. Sua fadiga não era inútil; para muitos sua vinda era proveito e benefício. Ajudava os juizes aconselhando-os, acima de tudo, a observarem a justiça, a temerem a Deus e a saberem que serão julgados do mesmo modo que tiverem julgado. Fora esses casos, preferia a permanência na montanha a qualquer outra coisa.

#### **A solidão, elemento do monge**

**85.** Certa vez suportou violência semelhante da parte de pessoas que tinham necessidade dele. Um general rogou-lhe instantemente que descesse; veio, manteve com eles colóquios úteis para a salvação e para o bem daqueles que lhe suplicavam, e voltou apressadamente para a montanha. O mencionado oficial lhe pediu que ficasse mais um pouco com eles. Respondeu que não podia atrasar-se com eles e persuadiu o oficial com exemplo afável: “Permanecendo na terra árida, os peixes morrem. Assim, retardando-se convosco, fazendo paradas entre vós, os monges se relaxam. É necessário, pois, que, como o peixe volta para o mar, nós voltemos para a montanha, a fim de não nos esquecermos, atrasando-nos, das coisas interiores”. Ouvindo isso e várias outras coisas, o oficial se admirou e declarou que Antão era verdadeiramente servo de Deus. De onde viria a um iletrado tanto espírito, se não fosse amado por Deus?

#### **Antão anuncia a Balac a iminência da cólera de Deus, e a profecia se cumpre**

**86.** Certo general, de nome Balac, perseguia cruelmente os cristãos, levado por seu zelo pelos arianos. Era tão encarniçado que mandava bater nas virgens, e desnudar e açoitar os monges. Antão lhe enviou uma mensagem cuja ideia é a seguinte: vejo vir sobre ti a cólera; cessa de perseguir os cristãos, para que a cólera de Deus não te atinja, porque ela está prestes a se abater sobre ti... Balac zombou, atirou a carta por terra, cuspiu sobre ela, maltratou os mensageiros e lhes ordenou que dissessem a Antão: “Uma vez que te preocupas com os monges, é contigo que agora hei de tratar”. Não se passaram cinco dias, e a cólera (de Deus) se abateu sobre Balac. Ele ia com Nestor, prefeito do Egito, para o primeiro posto de muda da estrada para Alexandria, chamado Caireu. Ambos iam a cavalo. Os cavalos eram os mais mansos das cocheiras de Balac. Antes de chegarem à etapa, os cavalos se puseram a brincar entre si, como têm costume de fazer. Subitamente o mais manso, montado por Nestor, mordeu Balac, derrubou-o,

caiu sobre ele e, a dentadas, dilacerou-lhe de tal modo a coxa que foi necessário transportá-lo para a cidade, onde, depois de três dias, morreu. Todos se admiraram da prontidão com que se realizou a profecia de Antão.

#### **Médico espiritual de todo o Egito**

**87.** Era assim que advertia os cruéis. Os outros, que vinham até ele, exortava-os de tal modo que se esqueciam de tratar de seus negócios na justiça e proclamavam bem-aventurados aqueles que se separavam dessa vida (do mundo). Tomava a defesa daqueles que sofriam a injustiça como se fosse ele a vítima. Ele bastava para prover ao bem de todos. Muitos soldados e pessoas que tinham adquirido grandes bens renunciavam a seus cargos e se faziam monges. Realmente ele fora dado ao Egito como médico. Qual o aflito que veio a ele, e não partiu alegre? Qual o visitante que chegou lamentando-se sobre seus mortos, e não deixou logo seu luto? Quem veio a ele encolerizado, e não retornou apaziguado? Qual o pobre, triste com sua pobreza, que, ouvindo e vendo-o, não desprezou as riquezas e não foi consolado de sua pobreza? Qual o monge esmorecido que veio a ele, e não se tornou mais forte? Qual o jovem que, vindo à sua montanha, não renunciou logo aos prazeres e não abraçou a sabedoria? Qual o homem tentado pelos demônios que não encontrou repouso, e qual o homem perturbado em seus pensamentos que não foi tranqüilizado?

#### **Variedade de seus benefícios. Todos os seus beneficiados o estimam e o chorarão como a um pai**

**88.** Havia algo de forte na ascese de Antão: que, tendo o carisma do discernimento dos espíritos, conhecia seus movimentos e não ignorava para que coisa cada um era hábil e inclinado. Não só não era enganado por eles, como também, exortando-os, ensinava aos que estavam perturbados em seus pensamentos como frustrar os estratagemas dos demônios, cujas fraquezas e astúcias explicava. Cada um, pois, como se fora unguido por ele, descia cheio de audácia contra os pensamentos do diabo e seus demônios. Quantas virgens, tendo pretendentes, só por terem visto Antão, permaneceram virgens para Cristo! Vinham a ele também pessoas do estrangeiro e, como os outros, tendo recebido conselhos úteis, voltavam como que acompanhados por seu pai. Quando morreu, todos estavam como órfãos que acabam de perder seus pais e se consolavam recordando-se dele e de suas admoestações e exortações.

**Última visita aos monges, seus discípulos. Recomenda-lhes a perseverança na ascese e a ortodoxia na fé**

**89.** Como foi o fim de sua vida, é justo que eu o narre, porque desejais sabê-lo. Também a sua morte é motivo de emulação. Segundo seu costume, inspecionou os monges na montanha exterior e, informado de seu fim próximo pela Providência, dizia aos irmãos: “É a última visita que vos faço; ficaria surpreso, se nos tornássemos a ver nesta vida. Para mim é tempo de partir, estou me aproximando dos cento e cinco anos”. Ouvindo o ancião, choravam, abraçavam-no e o beijavam. Ele, como quem volta do estrangeiro para sua casa, discorria alegremente e os exortava a não relaxarem nos trabalhos e a não esmorecerem na ascese, mas a viverem cada dia como se fossem morrer, a preservarem cuidadosamente suas almas dos pensamentos impuros, como lhes dissera, a rivalizarem com os santos, a não se comunicarem com os arianos, cuja impiedade é evidente a todos, e a não se aproximarem dos melecianos cismáticos, porque, dizia: “Vós conheceis suas más e perversas intenções; ainda que vejais os juízes protegê-los, não vos perturbeis. O seu aparecimento cessará, ele é mortal e durará pouco. Guardai-vos puros de seu contato e conservai a tradição de vossos pais e sobretudo a fé piedosa em nosso Senhor Jesus Cristo, fé que aprendestes nas escrituras e que eu muitas vezes vos recordei”.

**Antão reprovava um costume egípcio de honrar os mortos**

**90.** Os irmãos insistiam com ele para que permanecesse entre eles até sua morte. Não concordou por várias razões, que até seu silêncio manifestava, especialmente pela seguinte: os egípcios têm o costume de amortilhar e envolver em tiras os corpos dos mortos fervorosos, sobretudo os dos santos mártires. Em vez de enterrá-los, colocam-nos em leitos e os conservam em casa, crendo assim honrar os defuntos. A esse respeito, Antão chegou a pedir muitas vezes aos bispos que esclarecessem o povo; levou alguns leigos a mudar de sentimentos e repreendia as mulheres, dizendo-lhes que esse costume não é legítimo nem santo. Porque os corpos dos patriarcas e dos profetas foram mantidos nas sepulturas até agora; o próprio corpo do Senhor foi colocado num túmulo, e uma pedra, fechando a entrada, o ocultou até a ressurreição, no terceiro dia. Com isso mostrava o pecado daqueles que, depois da morte, não sepultam os corpos dos defuntos, ainda que se trate de santos. Que há de melhor, de mais santo, que

o corpo do Senhor? Depois de o terem ouvido, muitas pessoas abandonaram a prática reprovada e se puseram a enterrar os mortos, davam graças a Deus por terem sido tão bem instruídas.

**De volta a seu eremitério, Antão faz suas últimas recomendações aos monges que o assistem**

**91.** Conhecendo essa prática e temendo que a usassem com ele, Antão se apressou em saudar os monges da montanha exterior e em ir para a montanha interior, onde permanecia habitualmente. Alguns meses mais tarde, caiu doente. Chamou seus dois companheiros (há quinze anos dois monges permaneciam com ele, praticando a ascese e servindo-o, por causa de sua idade avançada). Disse-lhes: “Seguirei o caminho dos Pais, como está escrito. Vejo que o Senhor me chama. Quanto a vós, velai e não deixai que vossa longa ascese se acabe. Tende cuidado, como se estivésseis começando agora, em conservar vosso fervor. Conheceis os demônios, que armam ciladas; sabeis como são ferozes, mas também como é fraco seu poder. Não os temais, pois, mas respirai sempre o Cristo, crede nele, vivei cada dia como se tivésseis de morrer, sede atentos a vós mesmos e lembrai-vos dos conselhos que vos dei. Não tenhais nenhuma comunicação com os cismáticos nem com os hereges arianos: sabeis como refutei a heresia que combate o Cristo e a heterodoxia destes últimos. Tende sempre o cuidado de vos apegardes primeiramente ao Senhor, e, depois, aos santos, a fim de que, após a vossa morte, eles vos ‘recebam nos tabernáculos eternos’ como amigos e familiares. Pensai nisso, e se me amais, cuidai de mim e recordai-vos de mim como de um pai. Não deixeis ninguém levar meu corpo para o Egito, a fim de colocá-lo numa casa. Foi para evitar isso que voltei. Sabeis que aqueles que seguiam essa prática, eu os fiz mudar de opinião e cessar. Sepultai, pois, o meu corpo vós mesmos, ocultai-o na terra e guardai de tal maneira minha ordem que ninguém, a não ser vós, saiba o lugar. Na ressurreição dos mortos, receberei do Senhor esse mesmo corpo, incorruptível. Reparti minhas vestes. Ao bispo Atanásio dai um melote e o manto que eu usava; recebi-o dele, novo; eu o usei. Ao bispo Serapião dai o outro melote; quanto a vós, ficai com a veste de crinas. E agora, meus filhos, Antão parte, ele não está mais convosco”.

**Morre aos 105 anos. Suas últimas vontades são fielmente executadas. O segredo de seu túmulo**

**92.** Tendo dito isso, seus discípulos o abraçaram. Ele estendeu os pés e olhando afavelmente seus companheiros, alegrou-se com a sua presença e permaneceu deitado, com o rosto alegre. Assim os deixou e juntou-se aos Pais. Fiéis às suas instruções, prestaram-lhe as honras fúnebres, sepultaram seu corpo e o ocultaram sob a terra, e ninguém, senão eles, soube onde fora enterrado. E os dois que receberam um melote do bem-aventurado Antão e o manto usado por ele os guardam como coisa de grande valor. Olhando-os, parece-lhes ver Antão; vestindo-os, parece-lhes serem portadores das exortações de Antão.

**Conclusão.** O Senhor, que o amava, tornou-o célebre em toda parte. A leitura de sua vida edificará os cristãos e converterá os pagãos

**93.** Assim foi o fim da vida de Antão em seu corpo. Assim fora o começo de sua ascese. O que eu disse é bem pouco em comparação com a sua virtude. Mas julgai, com isso, também vós, como era esse homem de Deus, Antão, que, desde a juventude até idade tão avançada, conservou igual ardor na ascese. Não se deixou vencer pela velhice para fazer grandes gastos com alimentação. A fraqueza de seu corpo não o fez mudar a forma de suas vestes. Não lavou nem os pés. Entretanto o ancião se conservou absolutamente sadio. Tinha os olhos intatos e via com clareza. Não perdeu um só dente, mas suas gengivas estavam um pouco consumidas por causa de sua grande idade. Seus pés e suas mãos estavam perfeitamente sãos. Parecia mais corado de saúde e mais forte que aqueles que usam alimentos variados, banhos e vestes diversas. Que tenha sido célebre em toda parte, admirado por todos, desejado por todos aqueles que não o viram é sinal de sua virtude e da amizade de sua alma com Deus. Nem escritos, nem sabedoria profana, nem arte alguma, mas só a piedade para com Deus tornou Antão célebre. Ninguém poderia negar que isso é dom de Deus. Como poderia o renome desse homem, assentado e escondido em sua montanha, chegar à Espanha, às Gálias, a Roma, à África, sem a ação de Deus, que torna conhecidos em toda parte aqueles que lhe pertencem, precisamente como prometera a Antão no início? Esses homens agem ocultos, querem permanecer ocultos, mas o Senhor os mostra a todos como fachos, para que, ouvindo falar deles, todos conheçam o poder dos mandamentos para tornar a vida reta e feliz, e se animem a seguir o caminho da virtude. Lede essas coisas aos outros irmãos para lhes ensinardes como deve ser a vida dos monges e persuadi-los de que Nosso

Senhor e Salvador Jesus Cristo glorifica aqueles que o glorificam, e não só conduz ao reino aqueles que o servem até o fim, mas também, por causa de sua virtude e para a utilidade dos outros, manifesta e torna célebres em toda parte aqueles que se ocultam e procuram retirar-se. Se for necessário, lede essas coisas aos helenos, para lhes ensinardes assim, e que nosso Senhor é Deus e Filho de Deus, e que os cristãos que o adoram nobremente e nele crêem piedosamente não só mostram que os demônios — que eles, helenos, têm por deuses — não são deuses, mas também os calcam sob os pés e os expulsam como enganadores e corruptores dos homens, e fazem isso pela virtude de Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual seja dada glória pelos séculos dos séculos. Amém.

\*\*\*

## NOTAS

[3] O monte Colzum. Antão permaneceu nesse eremitério, salvo algumas viagens, de 312 até sua morte em 356. Sua permanência deu origem ao célebre “Mosteiro de Santo Antão do mar Vermelho” ou Deir ai Arab

[4] Crânio, sacerdote da Nitria, ouviu Antão contar essa visão e referiu essa narração a Paládio, que a reproduziu na História lausiaca, cap. XXI. Mais tarde também Crânio a narrou nos seguintes termos: “Naquela noite, o bem-aventurado Antão nos contou isto: ‘Durante um ano inteiro pedi em minhas orações que me fosse revelado o lugar dos justos e dos pecadores. E vi um gigante alto até às nuvens, negro, com as mãos estendidas para o céu, e embaixo dele um lago com a dimensão de mar. E via almas voando para o alto como pássaros. E todas as que voavam acima de suas mãos e de sua cabeça eram salvas. Mas todas as que eram golpeadas por suas mãos caíam no lago. Então veio uma voz que me disse: As almas que vês voando acima são as dos justos, que são salvas no paraíso; as outras são as que são puxadas para baixo, para o inferno, porque obedeceram às vontades da carne e ao ressentimento’ “ (cf. a trad. francesa de Lucot).

[5] Isso não é dito de Davi, mas de Judá, em Gn 49,12; e o hebraico traz: Ele tem os olhos vermelhos de vinho e os dentes de leite.

[6] Termo grego que designa o “espírito”, em oposição a pneuma, princípio de natureza espiritual

# Índice

## SOBRE A VIDA E CONDUTA DE SANTO ANTÃO

- **Introdução**
  - A presente tradução
  - Estudos recentes
  - As versões latinas
  - Esclarecimento sobre as cartas
- **Prefácio**
- **PRIMEIRA PARTE**
  - Nascimento e educação de Antão
  - Tornando-se órfão, despojou-se dos bens
  - Inícios na ascese
  - Instrui-se junto de outros ascetas e se esforça por imitar suas virtudes
  - O inferno faz de tudo para levá-lo a abandonar sua decisão
  - O demônio da impureza se confessa vencido
  - Antão reforça sua ascese na previsão de novos combates
  - Retirado em túmulo, suporta heroicamente as cruéis sevícias dos demônios
  - Provoca os adversários, que o assaltam na forma de animais ferozes e venenosos
  - Uma visão celeste o reconforta e lhe promete assistência
  - Retira-se para o deserto, indiferente à magia do diabo
  - Antão despreza o ouro e se estabelece numa fortificação abandonada

- Novos assaltos dos demônios. Antão tranquiliza os visitantes espantados com suas lutas
- Seus discípulos o forçam a deixar o retiro. Faz diversos milagres. Sua aparência nessa época
- O pai dos monges
- **SEGUNDA PARTE**
  - Utilidade dos colóquios espirituais. O combate ascético dura pouco. A vitória será eterna
  - Deixar tudo é pouco
  - Perseverar até o fim
  - “Quotidie morior”
  - A virtude está em nós...
  - Nossos inimigos os demônios
  - Necessidade de conhecermos suas astúcias
  - Para eles, todos os meios são bons. Vencidos tentam novas táticas
  - Os demônios se gabam. São fracos
  - Seus disfarces
  - Fazê-los calar, ainda quando dizem a verdade, para seduzirem
  - Nunca ouvi-los. Não temer suas ameaças
  - Explicações. Apesar de seus estratagemas diversos, os demônios não têm poder. Seria absurdo temê-los
  - Por permissão divina é que o demônio pôde provar Jó
  - Quanto os demônios temem os ascetas
  - Vacuidade das predições dos demônios
  - Os demônios são incapazes de verdadeiras profecias
  - Mais conjeturam que prevêem. Que nada se queira aprender deles
  - Não desejar o dom da profecia. Deus, se quiser, o dará aos corações puros

- Discernimento dos espíritos. Sinais das aparições angélicas
- Caracteres e efeitos das aparições demoníacas
- Opor aos demônios as palavras do Senhor
- Não se gloriar de mandar nos demônios
- Experiências pessoais de Antão
- Como ele repelia os demônios
- Satã se queixa dos monges
- Sejamos ousados contra os demônios
- Obriguemos o diabo a se declarar
- Efeitos dos ensinamentos de Antão
- Cuidar muito da alma e muito pouco do corpo
- Antão vem a Alexandria confortar os confessores e procurar o martírio
- Ascese mais estrita
- Antão livra do demônio a filha de um oficial
- **TERCEIRA PARTE**
  - Antão, ávido de solidão, afunda no deserto interior
  - O eremitério da montanha interior
  - Novos assaltos do inferno
  - Novas vitórias de Antão
  - Um demônio, na fômia de animal, é posto em fuga
  - A uma prece de Antão, a água jorra em pleno deserto
  - Conselhos espirituais do solitário a seus visitantes
  - Atendido ou não em sua oração pelos outros, Antão rende graças a Deus
  - Cura de Frontão
  - Menina curada a distância

- Antão envia socorro a um irmão que estava morrendo de sede no deserto
- Ele vê subir ao céu a alma de Amun, o nitriota
- Cura a distância da virgem Policrécia
- Doentes e possessos recorrem a Antão
- Durante viagem de barco, Antão livra um possesso
- Levam-lhe possesso furioso, ele o cura
- Antão, em êxtase, se vê morto. Defendem-no os anjos contra os demônios
- Visão do gigante infernal e da passagem das almas
- Respeito de Antão pelo clero
- Horror de Antão ao cisma e à heresia
- A pedido dos bispos, vem a Alexandria refutar os arianos
- É objeto de veneração universal
- Ao sair da cidade, cura menina possessa
- Colóquio com dois filósofos
- O espírito, anterior às letras
- Antão, apologista: defesa da cruz e ofensiva contra o paganismo
- Os milagres de Cristo
- O alegorismo não legitima o politeísmo
- Raciocínios humanos e fé cristã
- Triunfo da fé
- Oficialmente protegido, o paganismo desmorona. Perseguido, o cristianismo se difunde por toda parte
- O argumento apologético do milagre
- Cartas imperiais e resposta de Antão
- Visão profética das violências arianas
- Milagres de Antão, cumprimento das promessas de Jesus

- A oração obtém o milagre. Solicitado, Antão vem em ajuda do próximo e apressadamente volta para seu eremitério
- A solidão, elemento do monge
- Antão anuncia a Balac a iminência da cólera de Deus, e a profecia se cumpre
- Médico espiritual de todo o Egito
- Variedade de seus benefícios. Todos os seus beneficiados o estimam e o chorarão como a um pai
- Última visita aos monges, seus discípulos. Recomenda-lhes a perseverança na ascese e a ortodoxia na fé
- Antão reprova um costume egípcio de honrar os mortos
- De volta a seu eremitério, Antão faz suas últimas recomendações aos monges que o assistem
- Morre aos 105 anos. Suas últimas vontades são fielmente executadas. O segredo de seu túmulo
- Conclusão. O Senhor, que o amava, tornou-o célebre em toda parte. A leitura de sua vida edificará os cristãos e converterá os pagãos